

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

SÉRIE DOCUMENTAL: ANTECIPAÇÕES

ISSN - 0104-6519

- n.1 — A Educação na Europa Pós-Socialista
- n.2 — Educação nos Estados Unidos: O modelo Ameaçado
- n.3 — A Nova Proposta para a Habilitação Magistério do 2º Grau no Estado de São Paulo
- n.4 — A Postura Teórica e a Prática do Professor de Didática no Ensino Superior
- n.5 — A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos nas Escolas da Rede Oficial do Ensino do Distrito Federal no Período 1985/1990
- n.6 — Avaliação Qualitativa: um desafio
- n.7 — Senso Percepção em Ações de Educação Ambiental



**GUIA DE FONTES FOTOGRÁFICAS
PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA
BAHIA**

Stela Borges de Almeida — UFBA
(coordenadora)

Clarice Nunes — UFRJ

Luis Felipe F. Serpa — UFBA
(consultores)

Adélia L. P. Magalhães — UFBA

Eliane Moraes Brenner — UFBA

Maria Sampaio (fotógrafa/BA)
(colaboradoras)

Josélia Bastos de Aguiar, Neurilene

Martins Ribeiro e Rinaldo Cesar N.

Leite — UFBA/CNPq
(bolsistas de iniciação científica)

O presente texto, um dos produtos do projeto de pesquisa, cujo financiamento se deu através do convênio n°56/91, firmado entre o INEP e a Universidade Federal da Bahia (UFBA), é de responsabilidade de sua coordenadora. O relatório final, enviado ao INEP em agosto de 1992, encontra-se à disposição, para consultas *in loco*. Os interessados em adquirir fotocópias podem solicitá-las, mediante pagamento. O texto chegou a esta editoria, para publicação, em agosto de 1995.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO, INOVAÇÃO E AVALIAÇÃO EDUCACIONAL E
DIRETORA-GERAL DO INEP Maria Helena Guimarães de Castro

DIRETOR EXECUTIVO DO INEP
Og Roberto Dória

COORDENADOR DO PROGRAMA EDITORIAL
Arsenio Canísio Becker

CHEFE DE EDITORAÇÃO
Tânia Maria de Castro

CHEFE DE DISSEMINAÇÃO E CIRCULAÇÃO
Sueli Macedo Silveira

RESPONSÁVEL EDITORIAL
Cleusa Maria Alves

CAPA
Carla Vianna Prates

REVISÃO DE TEXTO José
Adelmo Guimarães

DIGITAÇÃO Hermes
Oliveira Leão

REVISÃO EDITORIAL
Cleusa Maria Alves
Francisca de Sá Benevides
Gislene Caixeta José
Adelmo Guimarães

NORMALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA
Maria Ângela T. Costa e Silva

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Mírian Santos Vieira

APOIO GRÁFICO Adelino
Nunes de Lima Maria
Madalena Argentino Mima
Amariles Beraldo Marluce
Moreira Salgado

Tiragem: 500 exemplares

INEP - Coordenadoria do Programa Editorial
Campus Darcy Ribeiro, Acesso Sul — Asa Norte
70910-900 Brasília-DF Fone: (061) 340 3257 —
Fax: (061) 273 3233

Série Documental: Antecipações, n.8, out/1995 ISSN 0104-6519

APRESENTAÇÃO DAS SERIES DOCUMENTAIS

Uma das funções institucionais do INEP consiste em prover e estimular a disseminação e discussão de conhecimentos e informações sobre educação, visando a seu desenvolvimento e domínio público, através de sua produção editorial.

Com o objetivo de contribuir para a democratização de parte desses conhecimentos, de modo mais ágil e dinâmico, o INEP criou recentemente as *Séries Documentais*, com o mesmo desenho de capa: elas formam um novo canal de comunicações, diversificado quanto a público, temática e referência; abrangendo vários campos, elas podem alcançar, com tiragens monitoradas, segmentos de público com maior presteza e focalização; cada série poderá captar material em diferentes fontes (pesquisas em andamento ou concluídas, estudos de caso, *papers* de pequena circulação, comunicações feitas em eventos técnico-científicos, textos estrangeiros de difícil acesso, etc).

São as seguintes as séries:

1. *Antecipações* tem o objetivo de apresentar textos produzidos por pesquisadores nacionais, cuja circulação está em fase inicial nos meios acadêmicos e técnicos.
2. *Avaliação* tem o objetivo de apresentar textos e estudos produzidos pela Gerência de Avaliação.
3. *Estudo de Políticas Públicas* tem o objetivo de apresentar textos e documentos relevantes para subsidiar a formulação de políticas da Educação.
4. *Eventos* tem o objetivo de publicar textos e conferências apresentados em eventos, quando não se publicam seus anais.
5. *Inovações* tem o objetivo de apresentar textos produzidos pelo Centro de Referências sobre Inovações e Experimentos Educacionais (CRIE).
6. *Relatos de Pesquisa* tem o objetivo de apresentar relatos de pesquisas financiadas pelo INEP.
7. *Traduções* tem o objetivo de apresentar traduções de textos básicos sobre Educação produzidos no exterior.

SUMÁRIO

Apresentação	
Luiz Felipe Perret Serpa/UFBA	9
Guia de Fontes Fotográficas para a História da Educação na Bahia	
Instituições Pesquisadas	10
Lista das Instituições Pesquisadas	36
A importância de acervos fotográficos escolares para a História da Educação	
Stela Borges de Almeida	38
Prefaciando uma escuta sensível	
Neurilene Martins Ribeiro — CNPq/ UFBA	46

APRESENTAÇÃO

Luiz Felipe Perret Serpa
UFBA

A foto é a morte do tempo, como ordem sucessória, enquanto relógio, o que significa que a foto é a superação do mecanismo determinista reducionista e a fonte da análise da teia de relações de desenvolvimento desiguais, cada relação contendo a contradição, ou seja, é o apresentar da historicidade.

Assim, a foto é mais do que um documento, pois se constitui o suporte material do movimento da teia de relações, a partir de duas relações básicas: fotógrafo-objeto e fotografia-observador.

Este trabalho tem como corpo principal o Guia de Fontes Fotográficas para a História da Educação na Bahia, envolvendo 35 instituições, entre arquivos públicos, arquivos escolares públicos, arquivos escolares particulares, arquivos particulares, estúdio e museu particular, centro de estudo e museu, fundações, institutos públicos, fundações e institutos particulares, jornais e movimentos sociais.

Na segunda parte, incluiu-se o texto "A importância de acervos fotográficos escolares para a História da Educação" de Stela B. de Almeida, que ao descrever a experiência de pesquisa conclui:

... se pretendemos ter uma rede de relações, a pluralidade é fundamental. Vários autores com leituras diferentes, todas as óticas são importantes, porque elas irão compor esta teia. Daí a neces-

sidade de vários guias de fontes que, contemplando diferentes óticas, tragam o conhecimento para além dos saberes encastelados.

Em seguida, o texto de Neurilene M. Ribeiro, bolsista de iniciação científica, analisa as fotos da década de 40 do Instituto Feminino da Bahia, numa leitura que denomina "Prefaciando uma escuta sensível". Nesta, Neurilene vai a 40 e volta à década em que ela era uma moça estudante da escola pública (70/80). Traz, assim, a emoção para a leitura das fotos e a contradição social no espaço-tempo.

Muitas outras leituras poderão ser feitas, pois a fotografia é um documento histórico polissêmico. As múltiplas leituras darão os subsídios necessários para a determinação da teia de relações que definirá o espaço-tempo histórico.

Precisamos continuar o trabalho com outros acervos em projetos específicos e ampliar o Guia de Fontes Fotográficas para a História da Educação na Bahia, ora publicado como guia preliminar. Pesquisas deverão continuar nesta linha e, conseqüentemente, ampliar-se-á o guia de fontes ora apresentado.

Agradecemos o apoio do CNPq e do INEP, particularmente as bolsas de iniciação científica e de aperfeiçoamento do CNPq que viabilizaram o desenvolvimento dessa pesquisa.

GUIA DE FONTES FOTOGRÁFICAS PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA BAHIA*

INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA

Ladeira de Quintas, 50
Fone: 233-4455
Funcionamento das 8 às 18 horas

Histórico da Instituição

Foi criado em 16/11/1890 por ato do governador Manoel Vitorino Pereira, sendo regulamentado a 21 de outubro do mesmo ano. Nele foram recolhidos os arquivos administrativos, legislativos e judiciários, de diversas repartições estaduais. Esteve por muito tempo ligado à Secretaria de Justiça do Estado. Em 1967, fez-se um novo regimento. A partir de então, o arquivo passou a ser órgão em regime especial da administração centralizada da Secretaria de Educação e Cultura. É aberto, também, à consulta pública, podendo seus documentos ser citados ou publicados por pesquisadores, o que não era permitido anteriormente. O Arquivo Público fica sendo, assim, depósito de documentos permanente do estado, bem como o organismo ligado às áreas de pesquisa da história e ciências sociais em geral.

Acervo

O acervo fotográfico do arquivo público ainda não foi trabalhado pelos seus res-

O processo de elaboração do guia loma como apoio metodológico o trabalho de NUNES, Clarice. *Cuia preliminar de fontes para a história da educação brasileira*. Brasília: INEP, 1992

ponsáveis, não possuindo, desta forma, maior organização. As informações recolhidas ao seu respeito ficaram comprometidas em função disso.

Documentação

A documentação é formada apenas por fotografias. Seu volume não foi possível estimar, mas é razoavelmente expressivo. Retrata aspectos de várias cidades do interior da Bahia, bem como da capital. Há, também, uma parcela dos acervos particulares de Wanderley de Araújo Pinho e de Góes Calmon.

Encontra-se em bom estado. Está guardada em arquivos ou armários, dentro de pastas e enrolada em papel. Não recebe nenhum tratamento técnico específico, nem possui dados identificadores. Não há eliminação de documentos.

Orientação para Consulta

O acesso só é permitido com autorização da direção do arquivo. Não há, momentaneamente, nenhum instrumento para pesquisa.

Informante

Gilmar Ramos de Cerqueira (pesquisadora) — 01/06/92.

ARQUIVO MUNICIPAL DA CIDADE DE SALVADOR

Rua Monte Alveme (antiga Rua do Bispo), 29 — Centro Histórico Fone: 242-6308
Funcionamento de segunda a sexta, das 13 às 18 horas

Histórico da Instituição

Em 1931, através do ato nº 112 de 23 de novembro, do prefeito Arnaldo Pimenta Cunha, criou-se o Arquivo Geral da Prefeitura, que só foi inaugurado em 10/04/1932. O arquivo então existente, desde 1549, pertencia à Câmara Municipal. Em 1977, pelo decreto 5.266, é transformado em Divisão do Patrimônio Histórico e Cultural. No ano de 1986, é criada a Fundação Gregorio de Mattos, que passa a assumir os projetos e atividades culturais da Prefeitura Municipal de Salvador, integrando o arquivo à sua estrutura. Seu objetivo é preservar e divulgar documentos históricos, para elucidação e constituição dos fatos. A primeira sede do arquivo foi na rua Visconde do Rio Branco (Ladeira da Praça, 18), entre 1940 a 1950; de 1970 a 1976, é transferido para o andar térreo do prédio da Academia Baiana de Letras (Terreiro de Jesus); de 1981 a 1982, a sede que se localizava na Ladeira do Pelourinho, 12, a partir de 1986, começou a funcionar na rua Monte Alverne (atual sede).

Acervo

O acervo foi criado em 1940 e nele encontra-se incluído, também, o do jornal baiano "Diário de Notícias". As funcionárias do setor fizeram curso especial de Conservação e Preservação de fotografias.

Documentação

São aproximadamente 10.000 documentos, entre fotos, diapositivos, fotos impressas e cartões postais. Entre os temas, estão os bairros de Salvador, suas ruas, avenidas, monumentos, personalidades, desde os anos de 1940 até hoje. Encontram-se fotos em bom estado, com algumas estragadas. O papel que envolve as fotos se chama "salto neutro", vem especialmente de São Paulo e custa caro.

Orientação para Consulta

Para o acesso ao acervo, é preciso autorização. Não é permitido xerox das fotos, nem a saída das mesmas; a forma de reprodução é através de foto das fotos, realizadas pelo próprio usuário. As fotos estão catalogadas num fichário organizado por assunto.

Informante

Maria das Candeias de Oliveira e Antonia Santos Nogueira — 27/04/92.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DA BAHIA SEÇÃO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS/ARQUIVO

Rua General Labatut, 27, Barris — SSA
Funcionamento de segunda a sexta,
das 8 às 22 horas. Atendimento das 13
às 19 horas

Histórico da Instituição

A Biblioteca Pública do Estado da Bahia foi fundada em 26 de abril de 1811 e funcionava em uma das salas do Palácio do Governo. Posteriormente, sofreu mudanças de local; a atual sede data de 1970.

A instituição tem como objetivo subsidiar a pesquisa. Pela natureza de seus usuários, ela vem se caracterizando, predominantemente, como biblioteca escolar.

Informações detalhadas podem ser encontradas nos seguintes documentos:

Folheto Informativo Semana Nacional do Livro;

Boletins Informativos, 1971/1974; Histórico da Biblioteca, 1811 a 1987;

Sistemas de Bibliotecas, 1970 — Adalgisa Muniz de Aragão.

Informante

Bibliotecária chefe de seção — 03/06/91.

Acervo

O acervo foi constituído com o intuito de preservar a memória e atender ao pesquisador. Está localizado no Setor de Recursos Audiovisuais.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
SEÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO E ARQUIVO
(SEDARQ)

Av. Sete de Setembro, 280, Corredor da Vitória
Fone: 336-0581
Funcionamento e atendimento das 13 às 19 horas

Documentação

Com um volume aproximado de 11.515 documentos, esses apresentam-se sob a forma de fotografias, diafilmes, diapositivos e cartões postais. Referem-se à vista parcial e total dos municípios e datam do começo do século (de 1913 a 1950).

Histórico da Instituição

Fundado em 1935.

O acervo encontra-se, de modo geral, em razoável estado de conservação, embora não seja arquivado adequadamente. Foi constatada a ausência de temperatura ambiente adequada, de equipamentos e de laboratórios fotográficos. Vale ressaltar, também, a inexistência de referências quanto à data e ao nome do fotógrafo nos documentos. Os diapositivos possuem fungos e molduras inadequadas. Não há eliminação de documentos.

Acervo

As fotografias não constituem um acervo e estão no SEDARQ temporariamente, pois, segundo a informante, deverão ser recolhidas ao Arquivo Público do Estado da Bahia.

Documentação

A documentação é formada por, mais ou menos, 30 fotografias, distribuídas em dois álbuns. Tem como temática a inauguração de escolas e festas, durante o período de 1966 a 1968.

Encontra-se em bom estado, no entanto, as fotografias estão colocadas nos álbuns e sem qualquer tipo de referência. Não há eliminação de documentos.

Orientação para Consulta

O acervo está aberto à consulta para auxiliar a pesquisa. O arquivo dispõe de fichários elaborados sob os seguintes critérios:

- 1) país e cidade — cartões postais;
- 2) cidade em ordem alfabética — fotografias;
- 3) assunto — diapositivos e diafilmes.

Orientação para Consulta

A reprodução dos documentos é permitida desde que realizada pelo usuário.

O acesso é restrito. Só é possível fazendo solicitação por ofício à Secretaria de

Educação e Cultura. Não há instrumento de pesquisa.

Informante

Veza Uzêda (bibliotecária arquivista e chefe do arquivo) — 14/11/91.

CENTRO EDUCACIONAL CARNEIRO RIBEIRO
— ESCOLA PARQUE/ BIBLIOTECA /ARQUIVO

Rua Saldanha Marinho, 134, Caixa D' Água — SSA Fone: 244-1025
Funcionamento de segunda a sexta, das 7h30 às 11h40 — 13h30 às 22 horas. Atendimento das 7h30 às 11h30 — 13h30 às 17 horas

Histórico da Instituição

Fundada em 21 de setembro de 1950, a escola foi concebida pelo educador Anísio Teixeira. Ao ser inaugurada a instituição, ele assim dizia:

A construção desses grupos obedece ao plano de educação para a cidade da Bahia em que se visa restaurar a escola primária, cuja estrutura e objetivos se perderam nas idas e vindas de nossa evolução nacional.

O Centro Educacional Carneiro Ribeiro tem como objetivo geral, entre outros, tornar os alunos conscientes de seus direitos e deveres, prepará-los para atuar como simples cidadãos e líderes, mas sempre como agentes do progresso social econômico.

Documentação mais detalhada da escola pode ser consultada nos seguintes trabalhos:

EBOLI, Terezinha. *Uma Experiência de Educação Integral* INEP, 1969;

ALMEIDA, S. tela Borges et al. *Chaves para ler Anísio Teixeira*. Salvador: EGBA/OEA/LUFBA, 1990. 180p. (Coleção Cidadania);

Recortes de jornais desde 1987, guardados junto às fotos.

Acervo

As fotos retiradas ao longo da história do colégio, por profissionais, pais e alunos, deram origem ao acervo fotográfico, a partir de 1950. A essas fotografias se juntaram posteriormente (1987) fotografias impressas em recortes de jornais, que também registram acontecimentos vinculados à instituição.

Documentos

Com um volume aproximado de 6.000 fotos, distribuídas em cinco álbuns, juntamente com as fotografias impressas, os documentos fotográficos registram eventos escolares, prédios e instalações, formaturas e práticas escolares desde 1950 até os dias atuais. Há referência de data, local e evento. O estado de conservação é bom, embora não estejam acondicionados conforme prescrevem as normas arquivísticas. Há eliminação de documentos, tendo como critério a qualidade técnica dos mesmos.

Orientação para Consulta

O acesso ao arquivo é restrito, com consulta no local. Não nos foram fornecidos dados acerca da existência de outros documentos de pesquisa. Há álbuns organizados por critério cronológico — 1960

a 1970, 1987, 1988 e 1989. Mediante autorização da direção, é permitida a reprodução dos documentos.

Informante

Bibliotecária (abril de 1992)

COLEGIO ESTADUAL DA BAHIA (CENTRAL)

Praça Carneiro Ribeiro, s/n, Joana Angélica — Lapa Fone: 243-2847 — 243-7481 Funcionamento das 7h10 às 22h35. Atendimento das 9 às 12 horas

Histórico da Instituição

Fundado em 1837, com o objetivo de "ministrar à sociedade uma educação humanística, real e concreta". Entre 1837 e 1890, foi denominado de Liceu Provincial da Bahia; entre 1890 e 1895, de Instituto Oficial de Ensino Secundário; entre 1895 e 1937, de Ginásio da Bahia (Lei nº 117 de 24/08/1895). Posteriormente, passou a denominar-se Colégio Estadual da Bahia (Central). O colégio é vinculado à Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia.

Acervo

Não podemos considerar um acervo na acepção estrita da palavra, pois não existe nenhuma organização ou preparações técnicas com as fotografias. Há, na verdade, um conjunto de fotos.

Documentação

A documentação é constituída basicamente por fotografias, existindo alguns qua-

dros. O seu volume não foi possível avahar, mas não se trata de muitas fotografias. Retratam vários aspectos do cotidiano da escola, incluindo-se aulas, festividades e comemorações, além de pessoas. Abrange o período de 1900 até os dias atuais.

O seu estado de conservação é precário. As fotografias, na sua maioria, estão estragadas. Não possuem referências de data, fotógrafo ou evento. Estão guardadas em armário sem nenhum tratamento técnico. No momento, vêm sendo recuperadas pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC). Não há eliminação voluntária de documentos, mas muitos se encontram estragados.

Orientação para Consulta

O acesso à documentação é restrito, possível somente mediante autorização da direção do colégio. Sua reprodução também só com autorização e fica a cargo do usuário. Não há nenhum instrumento para consulta.

Informante

Edvaldo Oliveira (secretário e administrador da escola) — 21/10/91.

ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DA BAHIA/
SETOR DE RECURSOS AUDIOVISUAIS

Rua Emidio Santos, s/a Barbalho — SSA
Fone: 242-0522 — Ramal 36
Funcionamento de segunda a sexta,
das 7 às 22 horas. Atendimento das 7
às 12h20 e das 13 às 22 horas

Histórico da Instituição

Em 02/06/1910, a Escola Técnica Federal da Bahia, pelo decreto 7.763 de 23/

09/1909, foi instalada como Escola de Aprendizes e Artífices.

Em 1937, passou a denominar-se o Liceu Industrial do Salvador, em 1942, Escola Técnica de Salvador e, finalmente, em 1965, Escola Técnica Federal da Bahia. Funcionando inicialmente no Centro Operário da Bahia, foi transferida, em 1926, para a atual sede.

Subordinada ao Ministério da Educação, tem como objetivos proporcionar bases de cultura geral e iniciação técnica, que permitam aos educandos integrarem-se à comunidade e participarem do trabalho produtivo, mediado pelo exercício de atividade especializada de nível médio, como também prosseguirem seus estudos.

Para informações mais detalhadas, consultar o seguinte documento: "Projeto Memória Viva do Ensino Técnico nas ETFs e CEFETs".

Acervo

Em 1942, iniciou-se a formação do acervo vinculado às atividades do setor de audiovisual, no registro do cotidiano da escola. Vale ressaltar a formação técnica do responsável pelo setor, o atual é licenciado em Música.

Documentação

Existem, aproximadamente, 600 fotografias, 700 negativos, 2.056 diapositivos e um álbum fotográfico. Abrangendo o período de 1942 aos dias atuais, os documentos registram de modo geral o cotidiano escolar, torneios, seminários, festas em geral, implantação de cursos, aquisição de equipamentos, montagens das oficinas da escola, além de material didático.

Embora desprovido de tratamento técnico, o acervo encontra-se em bom estado de conservação. A maioria dos documentos não apresenta referência de autor, data ou fotógrafo. Não há eliminação de documentos.

Orientação para Consulta

O acesso ao acervo é livre, contudo, dispõe de instrumento de pesquisa apenas para os *slides* didáticos — fichário por assunto. Os documentos podem ser reproduzidos sob responsabilidade do usuário, fora da instituição.

Informante

Rosane Maria Cal Jabota (chefe de Recursos Audiovisuais) — 30/09/91.

PREFEITURA DO CAMPUS DA UFBA/ SETOR DE PROJETOS

Av. Adhemar de Barros, s/n, Setor Administrativo da UFBA, Pavilhões I e II
Fone: 245-7799 — 245-7878
Funcionamento de segunda a sexta, das 8 às 12 horas e das 14 às 18 horas

Histórico da Instituição

A Prefeitura do Campus da UFBA foi criada na década de 70 com objetivos de manutenção e expansão dos *campi* universitários, bem como da gestão dos serviços administrativos dos imóveis utilizados pela UFBA, e para exercer demais atividades de caráter administrativo.

Não foi informada data precisa da criação da Prefeitura do Campus. Sabe-se apenas que, na década de 60, surgiu como um

serviço de obras da UFBA. Depois, criou-se o "Serviço de Estudos e Projetos", pertencente ao Departamento Cultural, que era chefiado por Américo Simas. Mais tarde, o "Serviço de Obras" uniu-se ao "Serviço de Estudos e Projetos", e começaram a funcionar juntos no mesmo local onde se encontra hoje a FAPEX, na Federação. Em 1971, tornou-se Prefeitura do Campus, ainda na Federação. Só depois de 1980 mudou-se para a sede atual em Ondina.

Acervo

Criado em 1974, o acervo fotográfico está conservado em pastas suspensas dentro de arquivos de aço. Na mesma sala, está guardado também o acervo de plantas, este já catalogado. Em breve, a prefeitura pretende organizar as fotos, assim como fez com as plantas.

Documentação

O acervo abrange o período de 1945 até hoje e constitui-se de um número aproximado de 3.000 documentos fotográficos, composto por fotos e uma quantidade reduzida de negativos. Os temas predominantes são edifícios da universidade (maquetes, vista aérea e fachadas), fotos de arte e de personalidades, principalmente de reitores. O estado de conservação é razoável e não há eliminação de documentos.

Orientação para Consulta

O acesso é livre mas, por enquanto, não há instrumento de organização das fotos. A prefeitura pretende, em breve, realizar esta catalogação. As fotos podem ser reproduzidas através de foto das mesmas, realizada no local pelo usuário.

Informante

Maria Aparecida C. Lima (arquivista) — 14/10/91.

FACULDADE DE DIREITO DA UFBA/ SETOR MEMÓRIA DA FACULDADE DE DIREITO

Rua da Paz, s/n, Vale do Canela
Fone: 336-7155
Funcionamento de segunda a sexta, das 7 às 15 horas.

Histórico da Instituição

Fundada em 1981, a primeira sede da Faculdade de Direito situava-se na Ladeira da Praça, quando se chamava ainda "Faculdade Livre de Direito da Bahia". A segunda sede se localizava na Piedade, onde hoje é o atual Fórum Teixeira de Freitas. A sede do Vale do Canela é a terceira delas.

Acervo

Não há data precisa do início de sua formação. As fotos guardadas durante a existência da faculdade foram reunidas na sala "Memória da Faculdade de Direito", que foi inaugurada em 23/04/1986. Nela, guardam-se também outros documentos, além do fotográfico. Trata-se de um acervo pequeno, ainda sem organização. A quantidade de fotos existentes hoje na instituição não corresponde ao volume inicial. No primeiro andar da faculdade há uma sala com quadros de todos os ex-diretores da instituição.

Documentação

São aproximadamente 200 documentos, entre fotos (inclusive 3x4), cartões pos-

tais e quadros de formatura. Abrangem o período entre 1891, ano de fundação da faculdade, até os dias atuais. Entre seus temas, estão turmas de formandos, fachadas de prédios (antigas sedes e atual), eventos e personalidades. O estado de conservação do acervo é regular e não há eliminação de documentos.

Orientação para Consulta

Não há qualquer instrumento de organização das fotos. Com autorização, as fotos podem ser reproduzidas pelo usuário da maneira que ele pretender.

Informante

Raimunda Costa Miranda (assistente em Administração) — 28/04/92.

ESCOLA DE BELAS-ARTES/ UFBA — SETOR ARQUIVO

Rua Araújo Pinho, 212, Canela
Funcionamento de segunda a sexta,
das 9 às 12 horas e das 13 às 18 horas

Histórico da Instituição

Fundada em 1877.

Acervo

Trata-se de um "acervo" com número reduzido de fotos. Não foram fornecidos dados sobre sua história e constituição.

Documentação

São aproximadamente 40 fotos, cujos temas tratam de fachadas da escola antiga, profes-

sores, obras de arte e outros. Em todas elas, há carimbo de identificação da escola. O estado de conservação do acervo é razoável e não há eliminação das mesmas.

Orientação para Consulta

O acesso é feito mediante autorização. Não é permitida a saída dos documentos fotográficos e, por isso, só podem ser reproduzidos através de foto da foto.

Informante

Valdelice S. Conceição — 27/04/92

MEMORIAL DE MEDICINA/BIBLIOTECA/
ARQUIVO

Praça XV de Novembro, s/n, Terreiro de Jesus — SSA
Fone: 321-0983
Funcionamento de segunda a sexta,
das 9 às 12 horas e das 14 às 17 horas
(exceto às segundas-feiras no turno matutino)

Histórico da Instituição

O Memorial de Medicina foi fundado em 1982, com o objetivo de preservar o legado histórico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, que foi a primeira do Brasil. Criada no reitorado de Luis Fernando Seixas de Macedo Costa, a instituição pertence à UFBA.

Acervo

Em 1982, iniciou-se a constituição do acervo fotográfico. Os documentos, na sua maioria, foram resgatados do incêndio que houve em 1960, na antiga sede da Facul-

dade de Medicina. Existem, também, alguns provenientes de doações feitas por familiares de médicos famosos, já falecidos.

Documentação

O acervo reúne material a partir de 1808 até 1980.

Os documentos fotográficos constituem-se de fotografias e quadros com retratos dos professores que lecionaram na faculdade. O volume é de aproximadamente 100 documentos. Os temas são essencialmente ligados à medicina: fotografias de médicos, galeria dos diretores da faculdade, instrumentos médicos e estrutura física do prédio (antiga sede da FAMED). A maioria das fotos necessita de limpeza e algumas, de restauração. A instituição já iniciou contato com especialistas para a realização desses trabalhos. Exceto aquelas expostas em vitrines e galerias, as demais estão acondicionadas em pastas e armários, mediante alguns cuidados técnicos. De modo geral, possuem identificação de evento e data. Não há eliminação de documentos.

Orientação para Consulta

O acervo está aberto à consulta em caráter restrito, mediada pela bibliotecária. Como instrumento de pesquisa, dispõe de um fichário cronológico, em fase de elaboração, e outro, para acessar as fotografias oriundas de doações. A reprodução dos documentos é permitida, desde que autorizada pela direção da instituição. Realizada por um técnico, ocorre sob inteira responsabilidade do usuário.

Informante

Angelina Spinola Costa (diretora do Memorial de Medicina) — 30/10/91.

COLÉGIO ANTÔNIO VIEIRA

Avenida Leovigildo Filgueiras, 683, Garcia

Fone: 336-5744 (Biblioteca — Ramal 63) Funcionamento de segunda a sexta, das 7 às 12 horas e das 14 às 17 horas

Histórico da Instituição

O colégio foi fundado em 15/03/1911, com o objetivo de dar formação integral aos alunos, "habilitando-os segundo seus princípios filosóficos, a viver em sociedade como agente de mudança". A primeira sede situava-se na Rua do Sodré (casa de Castro Alves), entre 1911 e 1912. Depois, na Coqueiros da Piedade, entre 1913-1932. Finalmente, mudou-se para a sede do Garcia, onde se encontra desde 1932. Entre 1911 e 1912, era um colégio exclusivamente masculino, com alunos externos; entre 1913 e 1964, funcionou como colégio masculino com alunos externos e internos. A partir de 1965, começa a ter apenas alunos externos. A inclusão de alunos do sexo feminino começou em 1967 no 3º ano colegial.

Acervo

O acervo começa a ser constituído em 1972, quando o padre Sanchez organiza as fotos então existentes em álbuns de cartolina. Antes, o padre Bragança arquivava algumas delas em caixas.

Documentação

O acervo abrange o período de 1911 a 1987. A partir desse ano, a documentação passou a ser feita através de vídeo. As fotos se encontram em sete álbuns grandes e 13 pequenos. Encontram-se num bom estado de conservação e aquelas que estão repetidas são ofertadas aos alunos.

Orientação para Consulta

Com autorização, é permitida a consulta e reprodução das fotos, que devem ser realizadas pelo próprio usuário, através de xerox dos documentos fotográficos: a foto da foto. Não há instrumento de organização das mesmas.

Informante

Pe. Imperiali — 27/04/92.

INSTITUTO FEMININO DA BAHIA

Rua Monsenhor Flaviano, 2
Fone: 321-7522
Funcionamento de segunda
das 8 às 17 horas

Histórico da Instituição

O instituto foi fundado em 5 de outubro de 1923 por Henriqueta Martins Catharino, com o nome de "Casa São Vicente" e funcionava no início no Terreiro de Jesus. Em 1929 a "Casa São Vicente" foi registrada como sociedade civil e, em 1950, transformada em fundação no Terreiro de Jesus, a instituição foi transferida para a Piedade (Av. 7 de Setembro, 215) até que, em 1938, mudou-se definitivamente para o prédio atual.

De caráter filantrópico, foi idealizada não como um educandário comum, mas como obra social católica de "aperfeiçoamento moral". Em 1923, foi criada a "Escola Técnica do Comércio Feminino da Bahia", oficializada pelo governo federal em 1929; em 1945, foi fundado o Ginásio Feminino da Bahia; em 1965, o "Colégio Instituto Feminino da Bahia", 1º e 2º graus que funcionou até 1979 sob coordenação de Yolanda Piva Pinto.

Em 1980, o Instituto Feminino da Bahia, tradicionalmente um colégio de moças, sofre uma mudança com a criação do "Colégio Henriqueta Martins Catharino", que passou a ter turnos mistos. Seu primeiro diretor foi Orlando Bahia Monteiro, substituído depois pelo monsenhor Walter Pinto de Andrade. O colégio encerrou suas atividades em 1985.

Acervo

O acervo conta com fotografias datadas do início do instituto. Há informações de um volume de documentos maior, ainda a ser avaliado.

Documentação

São 46 álbuns fotográficos, cuja principal temática está nas turmas de formandas. Outros temas encontrados são as práticas escolares, além de professores e personalidades do instituto. Abrange o período de 1930 a 1970.

Orientação para Consulta

No momento, o acervo se encontra na Faculdade de Educação da UFBA, para subsidiar pesquisa de fontes fotográficas.

Informante

Elza de Sá Medeiros — 19/06/91.

CID TEIXEIRA / ARQUIVO PARTICULAR DO PESQUISADOR

Rua Paulo VI, 2.050, Apt^o 202, Pituba
Fone: 358-1089

Informações sobre o Pesquisador

Cid Teixeira é baiano, de Salvador, tendo nascido em novembro de 1924. Frequentou a Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, onde colou grau no ano de 1948. Desde antes, contudo, dedicava-se ao estudo da História, fazendo dela a sua profissão, como funcionário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. No seu início de pesquisa, teve a orientação de pesquisadores como Braz do Amaral, Francisco da Conceição Menezes, Wanderley Pinho e outros. Em 1944, iniciou sua carreira de magistério. Cinco anos depois, ingressou na rede estadual de ensino. E, logo em seguida, fez o concurso de docência-livre para a Universidade Federal da Bahia. Desde esse momento, então, tem-se dedicado ao estudo da História, à produção de conferências e à publicação de livros e artigos.

Acervo

Trata-se de um acervo pertencente a um colecionador particular. Não possui setor que a mantenha e se encontra em fase de organização. O acervo encontra-se no seu escritório.

Documentação

E composta de fotografias, álbuns e fotografias impressas. Compreende um total estimado em 1.500 documentos. Retrata figuras humanas, a cidade do Salvador, algumas localidades da Bahia e fotografias do Colégio S. Salvador. Abrange o período final do século XIX até o final dos anos 30.

O estado de conservação é razoável. Há identificação de fotógrafo, evento e data. Nenhum documento é eliminado.

Orientação para Consulta

O acesso é restrito, ocorrendo somente sob autorização do pesquisador. Não existe instrumento de consulta. A reprodução poderá ser realizada pelo usuário, no próprio local.

Informante

Cid Teixeira (pesquisador e professor de História) —11/11/91.

FUNDAÇÃO PIERRE VERGER/ ARQUIVO PARTICULAR DO FOTÓGRAFO PIERRE VERGER

Ladeira Vila América, 2ª Entrada, 6,
Alto do Currupio — Engenho Velho
de Brotas

Informações sobre o Pesquisador

Pierre Verger nasceu em Paris, 4 de novembro de 1902. Começou sua carreira como fotógrafo na década de 30, viajando pelo Oriente e América Latina, chegando à Bahia em 1946 onde se radicou. Como fotógrafo prestou serviços para a revista "O Cruzeiro", em documentários da cultura africana. Manteve contato entre África e Bahia funcionando como mensageiro, nos fins da década de 40 e início de 50. Em 1957 publicou, em francês, a primeira documentação da cultura africana. Caracteriza-se como um fotógrafo independente.

Acervo

Começou a ser formado em 1963 e está guardado, hoje, na sala da residência do fotógrafo. O acervo é constituído de fotos de autoria do próprio Verger, feitas ao longo de sua vida profissional.

Documentação

São aproximadamente 63 mil documentos fotográficos, compostos por negativos (é quase totalmente um acervo de negativos), que tratam de lugares, pessoas, costumes e englobam o período de 1932 até hoje. Encontra-se num ótimo estado de conservação e não há qualquer tipo de desgaste dos documentos fotográficos.

Orientação para Consulta

O acesso ao acervo é livre, apenas depende do acompanhamento de um dos responsáveis por ele. Está organizado através de um fichário em ordem alfabética, dividido geograficamente. Para se obter a reprodução do documento fotográfico, o usuário deve fazer a solicitação, pagar uma taxa (com objetivo de manter a Fundação Pierre Verger), e a foto é fornecida, quase sempre revelada pelo laboratório de Edson Porto.

Informante

Pierre Verger (fotógrafo) — 25/11/91.

ESTÚDIO E AGÊNCIA IMAGEM/ARQUIVO PARTICULAR DO FOTÓGRAFO CLAUDE DE OLIVEIRA SANTOS

Largo dos Aflitos, 6
Fone: 321-2853
Funcionamento de segunda a sexta,
das 9 às 12 horas e das 14 às 18 horas

Informações sobre o Pesquisador

Claude Santos nasceu em Salvador, 2 de dezembro de 1953. Trabalha com pesquisa de imagens, produção de audiovisuais e cursos de linguagem. É fotógrafo

free-lance. Frequentou a Faculdade de Comunicação não completando o curso, preferindo acompanhar o pai fotógrafo, engenheiro de sistema. Trabalha com temas históricos preferindo ensaios fotográficos.

Acervo

O acervo foi constituído em 1962 e compõe-se de fotos de autoria do fotógrafo Claude Santos. Encontra-se localizado no próprio estúdio do fotógrafo e sob sua responsabilidade.

Documentação

Com volume aproximado de 60.000 documentos, entre fotografias (25.000), negativos (25.000) e diapositivos (21.000), o acervo tem como temas predominantes tipos humanos, natureza, arquitetura e relacionados com educação, escolas-fazenda (educação no interior). Há, ainda, alguns álbuns fotográficos sobre a Chapada Diamantina e Lençóis, por exemplo. O acervo abrange o período de 1962 até hoje.

Informante

Claude de Oliveira Santos — 10/12/90.

MUSEU TEMPOSTAL

Rua do Sodré, 233, Térreo, Centro,
Salvador.
Fone: 321-9685

Histórico da Instituição

Trata-se de uma instituição particular, inaugurada em 27/07/1974, objetivando

"preservar as imagens de um mundo que jamais voltará". Não tem vinculação com nenhum órgão, tampouco recebe algum tipo de ajuda oficial. Sempre funcionou no mesmo local, sob a responsabilidade de Antônio Marcelino, seu proprietário. O museu já esteve no roteiro oficial de visitas aos museus da cidade. Atualmente, está fechado à visitação pública.

Acervo

O acervo começou a ser constituído a partir de 1952. É uma preciosa fonte documental que carece, no entanto, de cuidados especiais que exigiriam grandes investimentos (como sua própria organização e seu deslocamento para um edifício mais apropriado). Tais investimentos fogem, porém, às possibilidades do seu proprietário. Por estas razões, o museu encontra-se fechado à visitação.

Documentação

A documentação fotográfica é constituída de fotografias, negativos, fotografias impressas, álbuns fotográficos, predominando os cartões postais. Perfaz no seu total, aproximadamente 56.000 documentos. Os temas são os mais variados (pessoas, cidades, localidades, edifícios, etc). E abrange um período que compreende de 1889 até os dias atuais.

Em se tratando de acervo particular, consideramos bem conservado. Se não há um tratamento técnico eficaz, é porque as instalações não o permitem. Não ocorre eliminação de documentos, apenas a troca ou a venda das duplicatas.

Orientação para Consulta

O acesso ao acervo é restrito, ocorrendo seleção do material que pode ser consul-

tado. Existe apenas um fichário de temática histórica ou geográfica, como instrumento de consulta. A reprodução de documento é feita no laboratório do seu proprietário, mediante o pagamento de uma taxa.

Informante

Antônio Marcelino (diretor-proprietário do museu) —22/11/91.

ZUMVI ARQUIVO FOTOGRÁFICO

Praça Francisco Dórea, 2, Ribeira
Fone: 312-8801
Funcionamento das 8 às 17 horas.
Atendimento das 14 às 17 horas.

Histórico da Instituição

Foi fundado em 1990, tendo sido produto de uma idéia que já vinha sendo discutida anteriormente. Pretende reunir trabalhos de caráter social, executados por fotógrafos, num acervo organizado e que possa servir como fonte de consulta e pesquisa para grupos e entidades interessadas. O arquivo é coordenado por seis pessoas. Sua sede é provisória e foi cedida pela paróquia local.

Acervo

Trata-se de uma entidade de fundação bastante recente. Por extensão, é também o seu acervo. Um dos seus responsáveis apresentou grande consciência sobre o trabalho que realiza, e se preocupa inclusive com seu próprio aperfeiçoamento técnico, participando de cursos de conservação de documentos. Faltam, no entanto, condições materiais e técnicas, determinadas por questões econômicas,

para levar suas propostas adiante com maior eficácia. O acervo é constituído por fotografias tiradas pelos próprios fotógrafos responsáveis pelo arquivo. E mantido intercâmbio com fotógrafos de outras localidades.

Documentação

A documentação é formada predominantemente por negativos, existindo algumas fotografias e contatos. Os temas são predominantemente sociais (moradias, passeatas, menor abandonado, etc), culturais (teatro, carnaval, etc), e cenas do cotidiano popular. Abrange, mais ou menos, os últimos dez anos.

Encontra-se em excelente estado de conservação, possuindo referências quanto ao tema, fotógrafo e data. Não há eliminação de documentos.

Orientação para Consulta

Para as fotografias e contatos, o acesso é livre; enquanto para os negativos, é restrito. Não possui nenhum instrumento de consulta. A reprodução é feita pela própria instituição, desde que custeada pelo usuário.

Informante

Lázaro Roberto Ferreira dos Santos (laboratorista) — 28/10/91.

CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS (CEAO) — BIBLIOTECA/ARQUIVO

Rua Leovigildo Filgueira, 392, Garcia — SSA

Fone: 245-0120

Funcionamento de segunda a sexta, das 8 às 12 horas e das 13 às 19 horas

Histórico da Instituição

Fundado em 1959, o órgão tem como objetivo a permanente reflexão sobre as populações afro-brasileiras, tendo em vista a contribuição universitária às políticas públicas, na direção do negro na Bahia. Incluem-se, também, vários programas de estudo, pesquisa e extensão sobre culturas orientais. Realiza um intenso trabalho de assistência cultural à comunidade negra, mantendo o Museu Afro-Brasileiro e uma biblioteca com aproximadamente 15.000 volumes. Órgão executor de um vasto programa universitário entre Brasil e diferentes países africanos, como também em nível nacional, funcionou até 1960 nas dependências da Reitoria e, a partir desta data, passou a funcionar no atual endereço. Constituiu-se um órgão suplementar ligado ao gabinete do reitor da UFBA.

Acervo

A partir de 1959, o acervo fotográfico foi se formando desprovido de uma sistemática, sem uma preocupação fundamental de formação de arquivo. Sua origem está vinculada aos registros dos eventos promovidos pelo CEAO, além de algumas doações feitas por outras instituições.

Documentação

Existem, aproximadamente, 400 fotografias que registram a história interna do CEAO. Retratam vários eventos ao longo dos seus 30 anos, referentes às comunidades afro-brasileiras e Brasil-África. Abrangem o período de 1959 aos dias atuais. O estado de conservação desses documentos é razoável. Estão acondicionados em pastas e caixas; alguns identificados com datas, fotógrafo e evento, poucos registram o número do filme e

negativo. O acervo carece de tratamento técnico adequado, evidenciando-se, assim, as dificuldades de se ter, de forma criteriosa e científica, um acervo fotográfico que interesse aos estudos de antropologia visual das populações afro-baianas. Não há eliminação de documentos.

Orientação para Consulta

O acervo não está aberto à consulta, uma vez que carece ainda de uma organização arquivística. Dessa forma, não dispõe de instrumentos de pesquisa e a reprodução dos documentos não é permitida. Após sistematização dos documentos, o acervo será colocado à disposição do usuário de acordo com as condições internas do CEAB.

Informante

Júlio Braga (diretor do CEAB) — 25/10/91.

CENTRO DE ESTUDOS DE ARQUITETURA DA BAHIA (CEAB) — SETOR BIBLIOTECA

**Rua Caetano Moura, 99, Federação
Fone: 247-3803**

Histórico da Instituição

O CEAB foi fundado em 1963, com o objetivo de estudar a arquitetura e a formação da cidade do Salvador, além de buscar a preservação de bens culturais. A primeira sede funcionou na Faculdade de Arquitetura até 1982, quando o CEAB se mudou para a sede atual.

Entre seus diretores, estiveram Américo Simas (1963/1981), professor Fernando Fonseca (1981/1986), Socorro Martinez

(1986/1990) e agora Carlos Campos. O CEAB tem ligação com o Departamento de História da Faculdade de Arquitetura da UFBA e convênios provisórios com a prefeitura, IBPC, IPAC e UNESCO por força de projetos afins.

Acervo

Fundado em 1963, o acervo é pequeno, mas bem cuidado. O CEAB tem planos de organizá-lo em breve.

Documentação

Trata-se de um acervo com volume aproximado de 1.000 documentos fotográficos, entre fotos, negativos e diapositivos. Encontram-se ainda em fase de catalogação e, depois de completamente organizado, o CEAB pretende ter uma idéia mais precisa do seu volume. Abrange fotos datadas do século XIX até os dias atuais. A temática corresponde à arquitetura da cidade de Salvador e de algumas cidades do interior, como fachadas de casas, escolas, localidades, etc. O estado de conservação é bom, e não há eliminação de documentos fotográficos.

Orientação para Consulta

Para se ter acesso ao acervo, é preciso solicitação aos responsáveis por ele, além da permanência de algum funcionário do CEAB durante a consulta. Como ainda está em fase de organização, não há instrumento de consulta. Por enquanto, as fotos são guardadas em caixas, cada uma com tema determinado.

Informante

Mavelly Cabral de Santana (técnica) — 24/10/91.

MUSEU AFRO-BRASILEIRO/CEAO/UFBA/
SECRETARIA / ARQUIVO

Praça XV de Novembro, s/n — Terreiro
de Jesus — SSA Fone: 321-0983 —
Ramais 29 e 50 Funcionamento de
segunda a sexta, das 8 às 17 horas

Histórico da Instituição

O Museu Afro-Brasileiro foi fundado em 7 de janeiro de 1982, na gestão do reitor dr. Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa, através do convênio "Programa de Cooperação Cultural entre o Brasil e os Países Africanos e para o Desenvolvimento de Estudos Afro-Brasileiros". Com esse convênio, assinado em 4 de março de 1974 entre o governo federal — representado pelos Ministérios das Relações Exteriores e da Educação e Cultura — e o Estado da Bahia, a Universidade Federal da Bahia e o Município de Salvador, o Centro de Estudos Afro-Orientais tornou-se o órgão executor do programa.

O museu é uma extensão do Centro de Estudos Afro-Orientais e está instalado no prédio da antiga Faculdade de Medicina da UFBA. Destina-se a descrever a formação cultural brasileira, no que ela tem de contribuição africana, como também explicar os diversos processos aculturativos, que tiveram lugar nas diferentes regiões do país, conforme à predominância étnica das populações de origem africana. Ele dispõe de salas de exposições permanentes — *o fazer, o crer e a memória* — havendo, também, duas salas de exposições temporárias.

Acervo

A formação do acervo se deu a partir de 1979. O material que o constitui foi ofer-

tado por embaixadas africanas, instituições e particulares e algumas pelos próprios autores. Outras foram realizadas pela própria instituição.

Documentação

A documentação é composta por cerca de 682 fotografias e 54 cartões postais. Quinhentas e sessenta e nove fotografias, em tamanho 6x9, aproximadamente, são reproduções de parte do acervo de peças do museu e encontram-se na secretaria. Elas foram tiradas a partir de 1975. As outras 113 fotografias restantes se encontram nas salas de exposições, cujos temas são a vida e a arte africana, manifestações da cultura afro-brasileira na Bahia (capoeira, candomblé, etc) e retratos, sobretudo de figuras importantes ligadas ao candomblé. Aparentemente, abrangem um período que remonta ao final do século passado até a década de 80. Mas, entre aquelas datadas, a mais antiga é do princípio da década de 40. Foram mencionados, também, diversos pôsteres em depósito que são utilizados em exposições temporárias internas e externas.

O estado de conservação é bom. Alguns possuem referências de data, local ou pessoa. Não há eliminação de documento.

Orientação para Consulta

O acesso é livre. Existem fichas por número de tombamento das peças do acervo do museu para as fotografias que reproduzem as mesmas. As demais não possuem instrumento de pesquisa. A reprodução é permitida, sendo realizada pelo próprio usuário, contanto que não tenha objetivos comerciais.

Informante

Graziela Ferreira Amorim (coordenadora do museu)

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA/SETOR DE MEMÓRIA E PESQUISA/ARQUIVO

Rua General Labatut, 27, 3º andar,
Barris — SS A
Telefax: 243-4187
Funcionamento de segunda a sexta,
das 13 às 19 horas

Histórico da Instituição

A instituição foi fundada em 23/01/74, pelo Decreto 23.944. Em 06/07/89, pela Lei 5.121/89, passou a se chamar Fundação das Artes. Em 22/05/91, voltou a se chamar Fundação Cultural do Estado da Bahia, pela Lei 6.074/91.

Está vinculada à Secretaria de Educação e Cultura do estado, estando seu estatuto em fase de elaboração.

Acervo

Fundado em 1979, o acervo fotográfico teve sua orientação efetiva no setor de imprensa da instituição. Vale ressaltar, entretanto, que com o surgimento da sala de exibição de filmes, Cinema de Arte da Bahia, em 1976, já se constituía um pequeno acervo de fotos de cenas no Departamento de Cinema da Fundação. A instituição dispunha de um Núcleo de Fotografia que foi desativado, sendo substituído por três grupos de trabalho: Memória e Pesquisa, Produção e Animação.

Documentação

Os documentos fotográficos constituem-se de fotografias, negativos, contatos e cartões postais, com destaque especial aos negativos. O volume é de aproximadamente 50.000 documentos. De modo

geral, documentam eventos coordenados pela fundação: artes plásticas, música, teatro, educação, cinema, fotografia, cursos e seminários, no período de 1979 a 1990.

O acervo está arquivado sob condições mínimas de conservação. Atualmente, está em andamento um projeto visando criar um espaço climatizado, onde os documentos possam ser acondicionados conforme as normas arquivísticas vigentes.

Neste acervo a eliminação de documentos ocorre, tendo como critério a qualidade técnica dos mesmos, salvo aqueles que registram fatos históricos relevantes.

Orientação para Consulta

Em períodos normais, o acesso ao acervo é permitido. Todavia, no período da entrevista, estando sob auditoria, o arquivo não estava aberto à consulta. Ele dispõe de fichário por assunto, por autor e cronológico, contando ainda de listagem, inventários e tomo, o qual se encontra em fase de organização.

A reprodução dos documentos é permitida, desde que realizada pelo usuário no local, com assessoria da instituição.

Informante

Lúcio Mendes (fotógrafo) — 20/05/92.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL (IPAQ — SEÇÃO DE ACERVO FOTOGRAFICO E HISTÓRICO

Rua Gregorio de Mattos, 43, Pelourinho
Fone: 321-6150 — Ramal 39

Histórico da Instituição

Foi fundado em 1967, com o objetivo de preservar o patrimônio cultural do Estado da Bahia. Depois disso, ocorreram algumas mudanças administrativas. Tem afinidades com órgãos da mesma linha de atuação, como o SPHAN, CONDER, Fundação Gregorio de Mattos e outros.

Acervo

Foi fundado em 1969.

Documentação

E composta de fotografias, negativos, diapositivos e contatos. Somados, totalizam 120.000 documentos. Tem como temática a preservação do patrimônio cultural, atividades do órgão, questões socioeconômicas da comunidade.

A documentação está em bom estado, pois é trabalhada segundo técnicas internacionais de conservação. Há eliminação de documentos em função de duplicidade de ampliação ou deteriorização.

Orientação para Consulta

O acesso é restrito, dependendo da entidade solicitante (aquelas conveniadas têm maior facilidade), das condições do órgão e de solicitação oficial. Tem fichário por assunto e cronológico. A reprodução é fornecida pela instituição, gratuitamente, através do seu laboratório próprio.

Informante

Edson Vieira de Queiroz — 27/04/92.

FUNDAÇÃO MUSEU CARLOS COSTA PINTO

Av. Sete de Setembro, 2490, Vitória
Fone: 336-6081

Funcionamento diário, das 14h30 às 18h30, com exceção das terças-feiras.
Setor Biblioteca: de segunda a sexta, das 15 às 18 horas

Histórico da Instituição

Foi fundada em 05/11/69, para preservar o acervo particular reunido pelo casal Carlos e Margarida Costa Pinto. Seu objeto é tomar conhecido o gosto artístico de determinada época da sociedade baiana, além de evitar a perda dos objetos ali conservados. Durante seus anos de existência, a instituição cresceu com o surgimento de alguns setores como biblioteca, setor de pesquisa, serviço educativo, setor de programação cultural, cantina e auditório. Trata-se de uma fundação particular, conveniada com o governo do estado através da Fundação Cultural do Estado. Possui também apoio técnico-cultural da UFBA e da Bahiatursa.

Acervo

O acervo foi criado em 1974, mas com trabalhos técnicos iniciados em 1975. Na verdade, há dois acervos no museu: este, que se encontra na biblioteca e pode ser consultado; e outro, que registra as peças de arte do museu e de uso exclusivamente interno.

Documentação

São precisamente 2.090 documentos fotográficos, entre fotos, cartões postais e diapositivos.

Estes últimos predominam sobre os outros e se apresentam em número de

1.846 unidades. Há, também, cinco álbuns: dois sobre o museu e três sobre a Bahia. O tema desses documentos é, geralmente, a arte de várias épocas. Quanto à data das fotos, começaram a ser tiradas a partir de 1934. O estado de conservação das fotos é bom e não há eliminação das mesmas.

Orientação para Consulta

O acesso é livre e deve ser feito com auxílio da bibliotecária. O instrumento de organização dos documentos fotográficos é um fichário classificatório cronológico e por assunto. O próprio usuário pode reproduzir as fotos, através de foto da foto.

Informante

Rosina Alice Carvalho dos Santos (chefe da biblioteca) —17/10/91.

FUNDAÇÃO EMÍLIO ODEBRECHT LTDA. SETOR COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL

Alameda das Espatódias, 915, Caminho das Árvores
Fone: 350-1111 (Setor que mantém o acervo 350-1266)
Funcionamento de segunda a sexta,
das 8 às 18h15

Histórico da Instituição

Fundada em 1945, por Emílio Odebrecht, a princípio voltada apenas para a construção civil, a Odebrecht hoje é uma *holding* que tem, além desse, outros objetivos, como agricultura, mineração, informática, química, perfuração para petróleo, aviação, telecomunicações e outros empreendimentos. Trata-se de uma empresa

descentralizada, não existente enquanto sede. O presidente do Conselho é Noberto Odebrecht e, para cada obra, há uma direção própria.

Acervo

O acervo foi criado em 1986, época em que deu início, também, à restauração das fotos, por iniciativa da empresa chefiada por José Raimundo Lima, auxiliado por Rita Alencar.

Documentação

Organizado em 1986, o acervo da Odebrecht conta com volume aproximado de 20.000 documentos fotográficos, a maior parte constituída de fotos, negativos, diapositivos, contatos. O acervo abrange o período de 1914 — fotos de familiares de Noberto Odebrecht — até os dias atuais. Os temas predominantes são prédios, rodovias, barragens, aeroportos, loteamentos, obras marítimas, feiras e exposições, todas as obras construídas pela Odebrecht e por empresas coligadas. Estado de conservação excelente, com material e temperatura ideais: o arquivo se encontra numa sala especial a 18°C, e é todo mantido em pastas e demais suportes especiais.

Orientação para Consulta

Com autorização do responsável pelo setor, o acesso é permitido. Os documentos estão organizados através de fichários por assunto. A reprodução pode ser através de foto da foto, e as mesmas podem sair da empresa com permissão do responsável por elas, mediante termo de responsabilidade.

Informante

Rita Alencar —29/10/91.

INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA (IGHB)

Av. Sete de Setembro, 94-A, Piedade
Fone: 241-2453
Funcionamento e atendimento das 14 às 18 horas

Histórico da Instituição

Foi fundado em 13/05/1894, com o objetivo de reunir e publicar documentos concernentes à História do Brasil, formando assim um centro de instrução em ciência e literatura. Em 13/08/1895, teve reconhecida a sua utilidade pública (Lei 110 de 13/08/1895). Sofreu uma série de mudanças de sede: de 13/05/1894 a 21/10/1894, funcionou no "Grêmio Literário" na Rua Direita do Palácio, 29, atual Rua Chile; de 21/10/1894 a 01/05/1900, funcionou em sede alugada na Santa Casa de Misericórdia; de 01/05/1900 a 02/07/1923, instalou-se na sua sede atual. É uma instituição privada que se mantém do aluguel do edifício anexo ao qual funciona e das doações dos seus sócios.

Acervo

O Instituto Geográfico e Histórico é um importante arquivo para pesquisa. Além de fotografias, o seu acervo possui livros e documentos escritos. Segundo a informante, a constituição do acervo fotográfico se deu possivelmente junto à biblioteca, já no ano de fundação da instituição.

Documentação

É constituída por fotografias, cujo volume não foi possível avaliar. As fotografias versam sobre muitos temas, tais como, localidades, ruas, igrejas, tipos humanos, etc. Abrange a segunda metade

do século XIX e primeira metade do século XX.

O estado de conservação das fotos não é muito bom, pois não tiveram durante muito tempo nenhum cuidado especial. Atualmente, não são submetidas a nenhuma técnica de conservação. Não há eliminação de documentos.

Orientação para Consulta

O acesso é livre. Possui listagem especificando assunto, autor e data que serve como instrumento de pesquisa. A reprodução de qualquer documento é realizada pelo próprio usuário.

Informante

Maria Angélica Valverde (arquivista) — 19/06/91.

EDITORA DA BAHIA S.A. (EDISA) — TRIBUNA DA BAHIA /ARQUIVO/ BIBLIOTECA

Rua Djalma Dutra, 121, Sete Portas, SSA
Fone: (PABX) 248-0612 Ramal: 34 — 248-0812 Funcionamento de segunda a sexta, das 8 às 13 horas e das 14 às 18 horas

Histórico da Instituição

O jornal Tribuna da Bahia foi fundado em 21/10/69. Possui vinculação com a TV Aratu e a Góes Cohabita S.A. Informações sobre a instituição podem ser encontradas na edição especial — Tribuna da Bahia, 21 de novembro de 1989.

Acervo

Com a fundação do jornal em 1969, iniciou-se, também, a constituição do acer-

vo, que reúne documentos produzidos pelos fotógrafos da própria instituição, além daqueles oriundos de doações feitas pelas prefeituras e governo do estado. Pela especificidade da atividade jornalística, o acervo tem, como característica predominante, um volumoso e amplo conjunto de fotos sobre diversas temáticas.

Documentação

Versando sobre política (nacional e internacional), esporte, cultura, educação, saúde, municípios, cidades, economia, serviços, entre outros, os documentos fotográficos se constituem de fotografias, fotografias impressas, contatos, negativos e diapositivos. Tendo em vista o caráter dinâmico do acervo, não se pode precisar o seu volume, pois diariamente novos documentos são acrescidos a ele. O material encontra-se em bom estado de conservação, embora não esteja acondicionado sob as normas técnicas. Há eliminação de documentos no setor, tendo como critério a qualidade técnica, contudo, sem perder de vista a importância histórica destes.

Orientação para Consulta

O acesso é restrito. De modo geral, não há atendimento ao público para pesquisa, uma vez que é uma biblioteca privada.

O acervo está em fase de organização e dispõe, para uso interno, dos seguintes instrumentos de pesquisa: fichário por assunto, índice de contatos, de matérias e de matérias assinadas. Vale ressaltar que é possível adquirir reproduções do material fotográfico mediante solicitação de compra do mesmo ao jornal.

Informante

Vera Lúcia Carvalho Morrinho (chefe de arquivo) — 14/06/91.

EMPRESA EDITORA A TARDE S.A./DEPARTAMENTO DE PESQUISA, ARQUIVO E MICROFILMACEM

Avenida Tancredo Neves, 1.092, Caminho das Árvores — SS A — CEP 41822-500
Fone: 371-0077 — Ramal 244
Funcionamento de segunda a sexta, das 8 às 12 horas e das 14 às 18 horas

Histórico da Instituição

A empresa foi fundada em 15/10/1912 pelo jornalista Ernesto Simões da Silva Freitas Filho, conhecido por Simões Filho. Teve na Rua da Preguiça — atual Manoel Vitorino — sua primeira sede. Posteriormente, passou a funcionar na Rua Santos Dumont, na cidade baixa; na Praça Castro Alves e finalmente instalou-se no **atual** endereço.

Após o falecimento de Simões Filho, em 24/11/1957, a empresa passou a pertencer a uma sociedade anônima, cuja diretora é Regina Helena Simões de Melo Leitão, filha mais velha do fundador.

Acervo

A história do acervo acompanha a da instituição.

Documentação

O acervo compreende um volume aproximadamente de 80.000 pastas, que acondicionam! fotografias, negativos e fotografias impressas; estas últimas integrantes da coleção de jornais. A temática é bastante diversificada, abrangendo acontecimentos nacionais e internacionais, de diversas ordens; política/ esporte, entre outros. Os documentos fotográficos abrangem o período de 1912 até os dias atuais e apresentam

um bom estado de conservação. Vale ressaltar que não há eliminação dos mesmos.

Orientação para Consulta

O acesso ao arquivo é livre. O usuário dispõe, como instrumento de pesquisa, de um fichário, dividido por assunto. Embora os documentos não possam sair do jornal, pode-se adquirir reproduções, comprando-as na instituição.

Informante

Indaiá de Magalhães (chefe de arquivo e pesquisa e microfilmagem) — 16/11/90.

EMPRESA BAIANA DE JORNALISMO/CORREIO DA BAHIA /DEPARTAMENTO DE ARQUIVO E PESQUISA

Av. Luis Vianna Filho, s/n, Centro
Executivo da Bahia Fone: 371-2811
— Ramal 145 Funcionamento e
atendimento das 8 às 12 horas

Histórico da Instituição

Empresa jornalística fundada em 20/12/1978, cuja sede pertence à mesma desde o seu início. Seu primeiro exemplar, porém, só foi impresso em 15/01/1979.

Acervo

Foi fundado em 30/12/1978.

Documentação

De modo geral, o acervo comporta um volume de 15.000 pastas, cada uma con-

tendo, em média, 100 fotos. Os negativos encontram-se em 5Z000 envelopes, com 70 em cada, aproximadamente. O número de contatos é, também, de 52.000 e o de fotos impressas é de 100.000. Possui temática bastante variada, que inclui educação, indústria, economia, cultura, política internacional, cidade, agricultura, esporte e municípios. Abrange o período de 1979 até 1991

A maioria está em bom estado de conservação. As duplicatas são descartadas e o material estragado é reaproveitado.

Orientação para Consulta

O acesso é livre, mas depende da demanda de pesquisa solicitada por estudantes, estagiários e funcionários. Possui fichário organizado por assunto e sua reprodução é permitida, somente, se houver autorização do editor-chefe ou superintendente.

Informante

Milton Luiz Cerqueira da Silva (coordenador do arquivo) — 30/06/92.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL BLOCO CARNAVALES-
LESCO ILÊ AIYÊ/ARQUIVO

Rua do Curuzu, 233, Curuzu — SSA
Fone: 241-4969
Funcionamento de segunda a sexta,
das 8 às 20 horas

Histórico da Instituição

A Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê foi fundada em novembro de 1974, por Apolônio de Souza de Jesus — seu primeiro presidente, que foi substi-

ruído, posteriormente, por Antonio C. dos Santos Vovô. Trata-se de um bloco que, além de "brincar carnaval", procura emancipar a comunidade negra, combater a discriminação racial, através da musicalidade. Possui uma banda que realiza *shows* e, assim, gera recursos para a entidade, embora não disponha ainda de sede própria.

Informações detalhadas podem ser encontradas em Canto Negro — Ilê Aiyê (Perfil Azeviche Senegal 88) editado pelo próprio bloco.

Acervo

A variedade de eventos promovidos pelo bloco — além daqueles, inclusive no exterior — aliado ao permanente registro destes, por meio do documento fotográfico, dão a esse acervo — criado em 1974 — um caráter dinâmico efetivamente representativo da riqueza inerente à cultura negra.

Não existe um setor específico para a guarda do acervo, uma vez que a instituição não dispõe da infra-estrutura necessária, sobretudo de uma sede própria. Ele está sob a guarda de Vovô, atual presidente da associação.

Documentação

Álbuns fotográficos, filmes em vídeo e super 8 (50) e principalmente fotografias, constituem-se os principais documentos do arquivo, que abrange o período de 1974 até os dias atuais. Dado o caráter dinâmico do acervo e o fato de muitas fotografias estarem com os associados, é difícil precisar a quantidade de fotos existentes. Estima-se em, aproximadamente, 3.000. Têm como temas predominantes o carnaval baiano, a Noite da Beleza Negra, Missa Negra, Festa

da Mãe Preta e exposições, entre outros eventos promovidos pelo bloco.

O estado de conservação dos documentos, de modo geral, é satisfatório, embora não prescindam de cuidados técnicos. As fotografias não contêm quaisquer indicações e estão acondicionadas em envelopes. Não há eliminação de documentos.

Orientação para Consulta

O acesso ao acervo é restrito. As exposições realizadas em escolas e outras instituições se configuram na única via que possibilita aos usuários consultar e até mesmo reproduzir, fotografando o material desejado.

O acervo não está organizado, não dispondo, assim, de instrumento de pesquisa. Existe a pretensão de, após a aquisição da sede própria, sistematizar o acervo conforme as normas técnicas e com assessoria, inclusive, de pessoas da universidade.

Informante

Antônio Carlos dos Santos Vovô (presidente da associação) — 04/10/91.

ASSOCIAÇÃO DOS EDUCADORES DAS ESCOLAS COMUNITÁRIAS DA BAHIA (AEEC-BA)

Rua Gregorio de Mattos, 51, Pelourinho
Fone: 321-2604
Funcionamento de segunda a sexta, das 13 às 19 horas

Histórico da Instituição

A AEEC-BA foi fundada em 09/12/89 para abranger e desenvolver o trabalho de educação popular com as comunida-

des periféricas. A sede é a mesma desde a fundação e se trata de um patrimônio do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC), cedida em comodato ao Centro de Cultura Popular (CECUP). O CECUP presta assessoria técnico-pedagógica, administrativa e política à AEEC e às escolas comunitárias, neste último caso, quando o auxílio é solicitado diretamente.

Acervo

Formado desde o início da AEEC-BA, pois se precisava de fotos das escolas para fazer o cadastramento delas, o acervo se encontrava dentro de caixas guardadas em armário. Não há setor específico de guarda do mesmo. Como são fotos recentes, estão num bom estado de conservação.

Documentação

Os documentos fotográficos abrangem o período de 1989 até hoje e compõem-se, aproximadamente, de 500 unidades, entre fotos, negativos, diapositivos, etc. Entre seus temas, incluem-se alfabetização, educação popular, eventos (encontros, debates), escolas comunitárias.

Orientação para Consulta

O acesso só é possível com autorização. Não é permitido xerox das fotos nem a saída das mesmas. A reprodução é feita pelo usuário, através de foto da foto.

Informante

Lindalva dos Reis Amorim (coordenadora administrativo-financeira) —10/10/91.

ESCOLA ABERTA DO CALABAR

Avenida Maria Pinho, 67, Calabar
Fone: 235-8032
Funcionamento das 8 às 12 horas e das 14 às 21h30

Histórico da Instituição

A escola foi fundada em 30/10/1983. Está ligada à Sociedade Beneficente e Recreativa do Calabar, associação de moradores do bairro, existente desde 12/09/1977. Tem como objetivo atender às necessidades educativas do bairro e desenvolver a consciência política daqueles ligados à associação. A diretoria da sociedade é renovada de dois em dois anos através de eleição.

Acervo

O acervo fotográfico da Escola Aberta do Calabar vem sendo constituído desde a fundação da associação. As fotografias foram tiradas na sua maioria por pessoas ou fotógrafos que fazem parte da direção da associação. Elas encontram-se guardadas na biblioteca da escola.

Documentação

E constituída, predominantemente, por fotografias, mas existem também negativos, diapositivos, álbuns, fitas de vídeo e cartões postais. No total, estimam aproximadamente 3.000 documentos. Retratam alguns trabalhos e eventos desenvolvidos na comunidade (passeatas, mutirões, cultura, esporte, etc). Abrange o período de 1976 aos dias atuais.

Estão em bom estado de conservação. Algumas fotografias estão coladas nos álbuns, mas, na sua maioria, são guarda-

das em pastas, contendo indicações de data e evento. Não há eliminação de documentos.

Orientação para Consulta

Segundo o informante, o acesso é livre. Porém, é necessário se comunicar, antecipadamente, com a direção da escola. Na prática, os entrevistados precisam realizar inúmeras visitas para apenas obter estas informações. Como instrumento de pesquisa, há uma listagem indicando data, evento e retratados. A reprodução é feita pelo próprio usuário através de empréstimo dos negativos.

Informante

Jessé Santos Oliveira — 14/10/91.

FEDERAÇÃO DE ASSOCIAÇÕES DE BAIRRO DE SALVADOR (FADS)

Praça da Sé, Ed. Themis, Sala 109, 1º andar
Fone: 243-5934
Funcionamento de segunda a sexta, a partir das 14 horas

Histórico da Instituição

A FABS foi criada em 1979 com o objetivo de discutir os problemas da cidade de Salvador, fazendo o intercâmbio entre estado e sociedade. Suas reivindicações abrangem várias áreas, como a cultura, educação, saneamento básico, etc. Em geral, todas as questões que envolvem a população são de interesse da FABS. No início, sua sede se localizava na cidade baixa até que, em 1980, mudou-se para a sede atual. Às oito associações iniciais agora se somam quase 300. A federação se divide em comissões,

cada uma com o setor de responsabilidade própria.

Acervo

O acervo fotográfico da FABS foi iniciado em 1979, mesmo ano de criação da entidade. Não há um setor específico para os documentos, pois, como a divisão de trabalhos é feita através de comissões, cada uma possui acervo próprio. As informações aqui prestadas correspondem ao acervo da Comissão de Cultura.

Documentação

A Comissão de Cultura da FABS possui um volume aproximadamente de 700 documentos fotográficos, entre fotos, negativos, cartões postais, álbuns e fotos impressas. A temática desta comissão engloba atividades culturais realizadas nas associações de bairro ou na própria federação. O estado de conservação desses documentos não é bom. O secretário que arquivava o material acabou por destruir uma certa quantidade dele.

Orientação para Consulta

O acesso ao acervo é livre, e a reprodução dos documentos fotográficos é realizada pelo próprio usuário. O método empregado para copiar as fotos pode ser através de xerox, foto da foto ou mesmo utilizando os negativos.

Informante

Antonio Carlos Damasceno (diretor da Comissão de Cultura) — 08/11/91.

GRUPO CULTURAL OLODUM

Rua Gregorio de Matos, 22, Maciel, Pelourinho
Fone: 321-5010; 321-3208
Funcionamento das 9 às 12 horas e das 14 às 19 horas

Histórico da Instituição

Foi fundado em 25/04/1979, com o objetivo de promover a festa do carnaval. Com o crescimento do grupo, passou a ter como metas: 1) combater o racismo; 2) resgatar e preservar a memória cultural afro-brasileira; 3) promover o desenvolvimento social da comunidade Ma-ciel-Pelourinho. Entre suas atividades, mantém uma escola alternativa (a Escola Criativa Olodum), que comporta em torno de 100 crianças e oferece aulas de teatro, dança e iniciação musical. Sua primeira sede foi no Largo do Pelourinho. A partir de 24/04/1981 passou a funcionar na sua sede atual. No início, chamava-se Bloco Olodum, mas em 1985 passou a Grupo Cultural Olodum, com eleições de três em três anos. Dispõe de convênios com organizações não-governamentais e órgãos do estado.

Acervo

O acervo fotográfico do Olodum está passando ainda por uma fase de recuperação, a fim de resgatar a sua memória histórica e organizá-lo de forma a permitir o acesso a pessoas da comunidade. É composto, também, de fotos e vídeos localizados no Rio de Janeiro, que deverão fazer parte do acervo tão logo a sua estrutura esteja montada, ampliando-o e complementando-o.

Documentação

É composto de fotografias, negativos, contatos, álbuns fotográficos e fitas de

vídeo. Apresenta vários aspectos da entidade, como, por exemplo, festas de carnaval, seminários, *shows*, confraternizações, festivais de música e arte, visitas recebidas e outros. Abrange o período que vem desde a sua fundação, em 1979, até os dias atuais.

O estado geral é bom. As fotografias estão guardadas em pastas e álbuns. Algumas estão colocadas em papel ofício, prática prejudicial à sua conservação. A mudança de sede provocou a perda de alguns documentos, outros estragaram-se por efeito da umidade. Mas não há eliminação voluntária de documentos. A maioria apresenta referência do evento e data. Poucos fazem referência ao autor.

Orientação para Consulta

Desde que foi feito com acompanhamento de um membro de grupo, o acesso é livre. Há uma listagem especificando o evento e data que serve como instrumento de pesquisa, mas a maioria da documentação não se encontra cadastrada. A reprodução é realizada pela própria instituição, porém, é preciso informar a sua finalidade.

Informante

Marcelo Gentil (assessor do presidente e membro do Departamento de Cultura) — 07/10/91.

MOVIMENTO EM DEFESA DOS FAVELADOS E COMUNIDADES CARENTES (MDF) — ARQUIVO

Rua Gregorio de Matos, 21, 2º andar,
Pelourinho — SSA
Funcionamento de segunda a sexta,
das 14 às 18 horas

Histórico da Instituição

Fundado em janeiro de 1983, o MDF tem o objetivo de dar apoio às comunidades carentes e melhorar suas condições de moradia, educação, saúde, como também apoiá-las na legalização da posse da terra.

As reuniões do movimento inicialmente ocorriam na Igreja das Mercês. A partir de 1984, mediado por d. Elvira — atual coordenadora do MDF — começaram a reunir-se na sala comunitária, cedida pelo IPAC à comunidade do Maciel, onde a instituição permanece até os dias atuais.

Acervo

Não foram oferecidos dados sobre a história do acervo, devido à falta de informação sobre o mesmo.

Informante

Integrante do MDF — 14/10/91.

LISTA DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

Arquivos Públicos

Arquivo Público do Estado da Bahia
Arquivo Municipal da Cidade de Salvador
Biblioteca Pública do Estado da Bahia
Secretaria de Educação e Cultura

Arquivos **Escolares Públicos**

Centro Educacional Carneiro Ribeiro (Escola Parque)
Colégio Estadual da Bahia (Central) Escola Técnica Federal da Bahia Universidade Federal da Bahia (Prefeitura do Campus) UFBA (Faculdade de Direito)

UFBA (Escola de Belas-Artes) UFBA (Memorial de Medicina)

Arquivos Escolares Particulares

Colégio Antônio Vieira Instituto Feminino da Bahia

Arquivos Particulares

Arquivo Particular de Cid Teixeira Arquivo Particular de Pierre Verger

Estúdios e Museu Particular

Estúdio e Agência de Imagem
Museu Temporal — Antonio Marcelino
Zumvi Arquivo Fotográfico

Centros de Estudos e Museu

Centro de Estudos Afro-Orientais (UFBA)
Centro de Estudos de Arquitetura da Bahia (UFBA) Museu Afro-Brasileiro (UFBA)

Fundações e Institutos Públicos

Fundação Cultural do Estado da Bahia
Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia (IPAC)

Fundações e Institutos Particulares

Fundação Museu Carlos Costa Pinto
Fundação Emílio Odebrecht Ltda. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

Jornais

Editora da Bahia S/A (EDISA) — "Tribuna da Bahia"

Empresa Editora "A Tarde S/A" Empresa
Baiana de Jornalismo "O Correio da Bahia"

Movimentos Sociais

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê
Aiyê

Associação dos Educadores de Escolas
Comunitárias (CECUP-AEEC) Escola
Aberta do Calabar Federação de Associação
de Bairros de Salvador (FABS) Grupo
Cultural Olodum Movimento em Defesa dos
Favelados e Comunidades Carentes (MDF)

A IMPORTÂNCIA DE ACERVOS FOTOGRÁFICOS ESCOLARES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO'

Stela Borges de Almeida
Faculdade de Educação/UFBA

INTRODUÇÃO

Nas Ciências Sociais a utilização da fotografia como fonte de documentação histórica ganha maior impulso a partir da década de 80. Em Educação, alguns trabalhos se iniciam, principalmente no âmbito da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPED), GT de História da Educação. Pesquisas sobre guia de fontes documentais têm sido desenvolvidas nesta última década (Nunes, 1990).

Partiremos, inicialmente, neste artigo, dos resultados da pesquisa "Guia de Fontes Fotográficas para História da Educação na Bahia"¹ evidenciando seus limites e possibilidades. Em seguida, trataremos dos acervos fotográficos de duas instituições educacionais — Colégio Antônio Vieira, instituição jesuítica do início de século destina a atender uma população masculina, e Instituto Feminino da Bahia, obra social para moças iniciada em 1923 —, fazendo uma leitura preliminar das imagens destes acervos à luz da literatura consultada sobre o tema. Estas primeiras leituras indicam a busca do movimento da teia de relações de ordem conotativa e denotativa presentes nas imagens escolares.

Este texto foi apresentado, em versão preliminar, na 15ª Reunião Anual da ANPEd, Belo Horizonte, 1992.

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Essa pesquisa contou na sua primeira fase com os professores: Luiz Felipe P. Serpa (coordenador), Stela Borges de Almeida e Adélia Luiza Portela de Magalhães. Na segunda

LOCALIZAÇÃO DOS ACERVOS FOTOGRÁFICOS

As limitações de natureza institucional, desde aquelas relacionadas à coleta de dados, tais como, constantes mudanças de sede dos arquivos, desconhecimento e desinformação sobre a história das instituições e dos arquivos, ocasionando contínuas e prolongadas visitas para obtenção dos dados, até a convivência da equipe de pesquisa com o pouco reconhecimento do valor e da necessidade de preservação da memória educacional brasileira, constituíram entraves comumente enfrentados pelos pesquisadores de guia de fontes.

A inexistência de registros sobre os acervos fotográficos em Salvador exigiu levantamento prévio das instituições que, possivelmente, viessem constituir um guia de fontes fotográficas para a História da Educação na Bahia. Organizou-se listagem daquelas que pudessem, além de dispor de acervos, indicar outras fontes de consulta.

Este universo compôs-se de 47 instituições², de natureza pública e particular. Incluem-se na listagem arquivos de escolas, bibliotecas, museus, centros de pesquisa,

fase, colaboraram Eliana Moraes Brenner (janeiro/abril de 1992) e Rino Cezare Marconi (agosto de 1991 /julho de 1992). Os bolsistas (CNPq/UFBA) que integraram a pesquisa são: Josélia Bastos de Aguiar, Neurilene Martins Ribeiro, Patrícia de Freitas Pinheiro (abril de 1991 /março de 1992) e Rinaldo César Nascimento Leite. Fontes de financiamento: CNPq (1991) e INEP (1992). Contou, ainda, com a colaboração da fotógrafa Maria Sampaio.

Arquivo Público do Estado da Bahia; Arquivo Municipal da Cidade do Salvador, Biblioteca Pública do Estado da Bahia; Secretaria de Educação e Cultura; Centro Educacional Carneiro Ribeiro (Escola Parque); Colégio Estadual da Bahia (Central); Escola Técnica Federal da Bahia; Universidade Federal da Bahia — Prefeitura do Campus; Faculdade de Direito; Escola de Belas-Artes; Memorial de Medicina; Colégio Antônio Vieira; Instituto Feminino da Bahia; Arquivo particular do professor Cid Teixeira e Pierre Verger; Estúdio e Agência de Imagem; Museu Temporal; Zumvi Arquivo Fotográficos; Centro de Estudos Afro-Orientais; Centro de Estudos de Arquitetura da Bahia; Museu Afro-Brasileiro; Fundação Cultural do Estado da Bahia; Instituto do Patrimônio

jornais, pesquisadores particulares e movimentos sociais. Das 47, doze instituições não constam no guia de fontes, por motivos diversos, desde dificuldades em fornecer informações até a não-autorização para divulgá-las. A categoria Movimentos Sociais é contemplada nesta pesquisa, considerando-se a necessidade de reavivar a sua história que, além de esquecida, muitas vezes, pela historiografia tradicional, tem ocupado perspectivas secundárias nas análises e pesquisas educacionais. A história cultural e social da Bahia, retratada nestes movimentos, apresenta uma diversidade de entidades dedicadas à preservação de suas raízes, entre elas, as escolas comunitárias alternativas, os movimentos negros, feministas e de homossexuais, os blocos carnavalescos, os terreiros de candomblé, entre outros acervos que poderão compor um guia de fontes para História da Educação na Bahia.

Os dados obtidos, nas visitas às instituições contactadas, revelam grande heterogeneidade no tratamento dos arquivos fotográficos quanto à organização, conservação e preservação. Muitas vezes a história dos arquivos aproxima-se da história das instituições. Instituições públicas seculares encontram-se em precário estado de conservação, em grande parte devido a mudanças sucessivas de sede ou mesmo devido ao descaso em relação à memória educacional. A imprecisão quanto ao volume e à temática do acervo é freqüente. Algumas dispõem apenas de coleção de fotos, nem sempre organizadas e adequadamente classificadas.

Artístico e Cultural do Estado da Bahia; Fundação Museu Carlos Costa Pinto; Fundação Emílio Odebrecht Ltda.; Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; Editora da Bahia S.A.; Tribuna da Bahia; Empresa Editora A Tarde S.A.; Empresa Baiana de Jornalismo O Correio da Bahia; Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê; Grupo Cultural Olodum; Associação dos Educadores de Escolas Comunitárias; Escola Aberta do Calabar; Federação de Associações dos Bairros de Salvador; Movimento em Detesa dos Favelados.

Como ilustração, tomemos o caso da Secretaria de Educação e Cultura que, além de não fornecer documentos informativos contendo dados sobre sua história, não localiza seu acervo fotográfico.

Embora, de maneira geral, esta situação seja dominante, encontramos arquivos fotográficos valiosos, quer pela riqueza dos dados disponíveis, quer pelo seu estado de preservação e conservação. E o caso, por exemplo, do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, da Fundação Emílio Odebrecht Ltda. e da Empresa Editora A Tarde. Quanto aos arquivos escolares, na maioria em estado bastante precário, requerem trabalhos adicionais de técnicas arquivísticas para posterior utilização. Fogem a esta realidade, entre outros, o do Colégio Antônio Vieira e o do Instituto Feminino da Bahia, oferecendo possibilidades de consulta e realização de estudos teórico-metodológicos de leitura de imagens.

LEITURA DE ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS ESCOLARES

As análises sobre arquivos, principalmente os escolares, realizadas por Nunes (1990) e Ribeiro (1990) são subsídios importantes para compreender-se a dinâmica das instituições na guarda dos seus documentos.

Em 1991, apresentamos estudo piloto dos acervos fotográficos (Almeida, 1991) dos dois colégios mencionados, iniciando exercícios de leitura das imagens nos álbuns localizados naqueles arquivos. Nesta primeira leitura, enfrentávamos dificuldades no exercício de demarcação da rede de relações da ordem explícita (denotação) e da ordem implícita (conotação) indicadas por Barthes (1982).

E evidente que o desenho desta rede, ainda que insatisfatório, nos obrigava a

pensar na possibilidade de buscar nas imagens a teia de relações no movimento da historicidade (Serpa, 1991).

O levantamento do acervo do Colégio Antônio Vieira indicou uma variedade-de informações que nos levaram às primeiras anotações de leitura. Em 23 álbuns de retratos, tem-se um volume de 6.700 fotos.

A temática abrange *os espaços escolares* (sala de aula, corredores, pátios internos e externos, fachadas laterais e frontais dos prédios, plantas e projetos de construção, etc); *os personagens* que ocupam estes espaços (os padres jesuítas, os alunos, professores, pais, funcionários e visitantes) e *os eventos, as práticas e os rituais*, entre eles, atividades esportivas (futebol, atletismo, educação física), atividades religiosas (celebração de missas, primeira comunhão, crisma), atividades pedagógicas escolares (reunião dos professores, conselho de aula, dias de formação de professores), atividades culturais/sociais (apresentação de desfiles, grupos teatrais, musicais, de canto, exposição de arte, feira de ciências, organização de festas) e atividades de confraternização e comemoração (almoço, inaugurações, discursos e palestras em solenidades, visitas de autoridades, etc).

Estas fotos registram memórias através de imagens, documentos, monumentos que guardam lembranças passadas e presentes, em suportes, indicando os tempos da história; o primeiro álbum de retratos do Colégio Antônio Vieira (1911-1932), guardado na biblioteca em armário e gaveta de aço, documenta a História da Educação na Bahia, sob a perspectiva de uma parte dos seus atores sociais, os padres jesuítas. Caminhemos sob essa ótica, inicialmente.

Coladas em cartolinas grandes, em álbuns com capas azuis e datas gravadas

em amarelo, as montagens em recorte das fotos de turmas de padres e alunos revelam os traços saudosistas e memorialistas dos seus organizadores. Adverte padre Sanchez que não se guiou na pretensão de um trabalho de pesquisa histórica; seu interesse foi marcado pela recordação e lembranças, em entrevista concedida ao grupo de pesquisa.

Em primeiro plano, as fotos dos espaços ocupados marcam-se pelas fachadas laterais e frontais da sede do colégio, cujo registro de mudanças (primeiro, no Sodré; depois, Coqueiro da Piedade e, finalmente, no Garcia) revelou desde as estruturas de fundação, os lugares e espaços ocupados pelos padres e alunos no início do século em Salvador, Bahia.

A legenda de abertura do primeiro álbum indica:

... o velho ideal
ideal de Inácio
vivido hoje na
história e na luta
deste colégio...

A imagem de Santo Antônio de Loyola junto à fachada lateral do colégio aponta o exemplo a ser seguido.

As turmas de padres aparecem nos planos seguintes, em grupos ou individualmente, em poses para a câmara fotográfica. Estão todos sérios.

Nas cenas seguintes, os alunos, ex-alunos, alunos antigos, alunos fundadores, alunos maiores, alunos menores, alunos congregados marianos, alunos que posam imitando os padres, que imitam o ideal inaciano. E as imagens de Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora do Bom Conselho vão intercalar as fotos de turmas de padres e alunos, lembrando que, nesse primeiro álbum, não encon-

tramos imagem das mulheres, apenas das santas.

Os espaços dos altares, da vista da cidade do Salvador — a Barra do alto da Igreja de Santo Antônio, o porto marítimo destacando-se a Baía de Todos os Santos, o Terreiro de Jesus e a Catedral —, lembram que a Bahia tem 365 igrejas, acrescidas de capelas da comunidade vieirense, onde são realizadas as celebrações religiosas.

Os grupos de alunos esportistas, escoteiros, da academia de ciências, letras e artes, demonstram nos rituais e nas práticas escolares seus diversos movimentos e danças. A comunidade registra seus passeios e retiros espirituais. A diversidade de peças de teatro, indicadas pela legenda, marca o prestígio da escola do saber: "Bandeira Nacional", "Os Filhos da Miséria", "Os Dois Ursos", "Auto do Corcovado", "Os Condes de Alcântara", "Apoteose de S. Luis", "Pátria Nova", "O Caboclo de Sevi-lha", entre outras.

Entre seus ex-alunos, a imagem do educador Anísio Teixeira, cuja foto aos 25 anos de idade, dedicada a padre Luiz Gonzaga Cabral, sugere o embate entre a vocação religiosa e a de educador, mencionado por Carice Nunes (1991). Os futuros homens de ciências, letras e artes, futuros homens públicos, parte de camadas sociais de intelectuais e políticos baianos, vestem fardas brancas, de gola, de soldados inacianos. Diz novamente o texto:

bem alinhados
a seriedade nas atitudes...

Gestos singelos escondem nas poses os sorrisos, os sonhos, os desejos.

Trabalhemos agora, um pouco, com os álbuns do Instituto Feminino da Bahia, trazendo fragmentos das leituras apre-

sentadas pelos bolsistas que integram esta pesquisa.

Diz Rinaldo:

Folheando os álbuns nos deparamos com homenageados e formandos. Contudo, normalmente, a primeira fotografia a aparecer é uma reprodução do "quadro de formatura" — um objeto comemorativo da formatura na forma de quadro, trazendo os retratos de homenageados e formandas, dispostos em volta de símbolos — que era muito comum naquela época. Uma parada mais demorada sobre os quadros de formatura nos é bastante revelador.

Na sua composição vemos colocados lado a lado símbolos que sugerem o ideal do progresso bem como os valores tradicionais. Representações de portos, ferrovias, indústrias, núcleos comerciais constituem uma forte e clara alusão ao progresso. A cruz é outro símbolo que aparece com destaque e, enquanto simbologia cristã, é a própria expressão dos padrões morais de caráter religioso que compreende a metade complementar do projeto da instituição (Leite, 1992).

Abordando outro aspecto da temática apresentada nos álbuns do Instituto Feminino da Bahia, observa Neurilene:

As fotos mostram as alunas do instituto com seus uniformes impecáveis; meias até os joelhos, saias compridas, blusas com mangas também compridas, punhos sempre abotoados, além das gravatas. Em grupo, em poses similares e tão "cuidadasas" quanto à farda, elas revelam certamente a rigidez e a distinção que faziam dessa uma instituição para as "moças de família" da elite baiana. Meus olhos teimosamente correm pelas fotos procurando flagrar na vestimentas algum deslize: uma meia arreada, um punho dobrado, uma saia com um comprimento mais ousado. Essa façanha o "clique" da câmara não conseguiu per-

petuar. Revela-se, assim, a presença forte de d. Henriqueta Catarino, identificada com uma característica constante nessas imagens: a disciplina. Esse regime de ordem e perfeição exigido no uso da farda extrapolava os limites da escola, como explicitou a ex-aluna do IFBA:

... O botão da minha blusa — você não podia andar com blusa arregaçada — caiu antes de sair da escola. Então ficou aquilo meio dependurado e o outro no lugar, ficou meio esquisito. Aí, morrendo de fome, eu saí da escola com uma fome danada — eu já estava no curso de contabilidade — eu dobrei só um lado... Estava indo para casa correndo quando ela passou de carro e me viu com uma manga arregaçada. Ela parou o carro, saltou do carro, pediu para eu esperar e disse: "Olhe, de que ano você é?" Eu me identifiquei. Ela disse assim: "Você, para o nível, não é filha de lavadeira, não pode estar na rua com esta manga. Por que não foi à secretaria botar o botão?" ...(eu ainda estava segurando os livros, assim, para não aparecer, mas ela viu esse detalhe) (Ribeiro, 1992).

Estas passagens ilustram possibilidades de leituras, ainda que fragmentárias e parciais, para a História da Educação na Bahia.

A Busca de uma Linguagem

Há uma pluralidade de leitura de fotos, segundo óticas as mais diversas. Aqui iremos trazer, a partir da literatura disponível, algumas que vêm influenciando este processo de trabalho.

De Moura o sugestivo título "retratos quase inocentes" e as imagens que são construídas colocando a relação sujeito-objeto numa perspectiva histórico-literária. Vejamos a descrição do estúdio do fotógrafo:

O estúdio do fotógrafo torna-se, então, camarim e palco: ali o retratado é con-

vidado a transformar-se em personagem, a exprimir seus sentimentos (ou a passá-los através de atitudes convencionais) elevando-se, em seguida, com a duplicação de sua imagem. No processo se perde a inocência — haverá algo mais construído e equívoco do que uma pose — ganha-se um documento (Moura, 1983, p.12).

Esta abordagem literária marca as leituras através das imagens, pelos sentimentos que elas despertam em quem as olha sugerindo, ainda, os recursos de linguagem, como os que fez Jean Claude Ber-nadet em *A Morte*, no livro sobre os "quase inocentes".

Já no trabalho de Machado encontramos análise da imagem enquanto sistema simbólico de representações. Lembrando o filme de Antonioni — *Blow Up* — este autor nos faz acompanhar cenas que ampliam, aproximam e captam imagens e revelam também uma imagem oculta. Ele diz, comentando o filme:

As câmaras são aparelhos que constroem as suas próprias configurações simbólicas de forma diferenciada — ao invés de exprimir passivamente a presença pura e simples das coisas, as câmaras constroem representações, como outro qualquer sistema simbólico (Machado, 1984, p.12).

Os sistemas simbólicos são objeto de estudo dos neomarxistas — lembremos de alguns: Lukács, Gramsci, Althusser — que, apoiados ou criticados, mergulharam numa abstração sem saída, afirma Machado, porque a metáfora da "inversão" de Marx não significa dizer que a ideologia é falsa, mas que existem diferentes modos de ver. Assim, ao inverter as imagens na retina, o olho não estaria "falsificando" o mundo visível, apenas dando-lhe outra posição.

Consideramos tal proposta da análise instigante e merecedora de reflexões, já

que estamos buscando traços simbólicos nas imagens dos arquivos escolares, especialmente em álbuns de formatura e de atividades do cotidiano do colégio jesuítico e do colégio feminino recebedores de uma clientela da média e pequena burguesia baiana.

Quem tirou essas fotos? Quais as representações dos grupos que fotografaram e são fotografados? O código da fotografia poderá nos encaminhar a esta descoberta?

Vejamos novamente Machado (1984, p.29):

Se é verdade que os critérios de "imitação" do mundo visível pelos signos figurativos são decorrência da história do grupo social que os pratica e se é verdade que cada grupo representa o que vê e vê o que representa a partir de certos pressupostos gnosiológicos que conformam o seu modo particular de se impor a sociedade, então o exame detalhado do código da fotografia e de seus sucedâneos deverá revelar — esperamos — a estratégia operativa da burguesia ascendente que o inventou.

E esta viagem pela "ilusão especular" da fotografia como "espelho do mundo" ganha dimensões importantes ao olharmos os álbuns de formatura. Dialogamos com imagens que reproduzem sistemas simbólicos, aos quais precisamos recorrer como fontes informativas.

Outro aspecto a considerar na leitura das imagens é que, com a mudança do processo de produção do conhecimento, o desenvolvimento tecnológico acentua-se. Os álbuns fotográficos do Colégio Antônio Vieira mostram a introdução das máquinas *Polaroid* e o crescente volume de fotos coloridas, agora sem as poses habituais necessárias para a fixação da imagem. Centenas e milhares de fotos agora aparecem quando qualquer situação motiva o sorriso, uma brincadeira, um instantâneo,

em oposição aos sérios meninos do Vieira da década de 20.

Quem fala sobre o assunto é Benjamin (1985, p.167), acentuando que a obra de arte sempre foi reproduzível, imitada por outros homens. Vejamos:

Como o olho apreende mais depressa do que a mão desenha, o processo e reprodução das imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a palavra oral.

A reprodutibilidade técnica substitui os conceitos de tradicional e gênio, da validade eterna e estilo, forma e conteúdo, levando-nos a discutir sobre autenticidade e "destruição da aura".

Esse processo de transformação, diz Benjamin (1985, p.168), "permitiu às artes gráficas pela primeira vez colocar no mercado suas produções não somente em massa... sob a forma de criações novas".

As fotos do Antônio Vieira do início do século, em papel esmaecido, retiradas no camarim e palco do fotógrafo, se não uma "obra de arte" no sentido crítico, representam suportes bastante diferenciados das centenas de fotos coloridas, produzidas pelos próprios alunos em máquinas instantâneas. Se nas primeiras acentua-se a singularidade, nas últimas observa-se uma pluralidade de posições, poses, formas e conteúdos.

É Barthes (1982) quem melhor recupera a dimensão da linguagem da fotografia pela sensibilidade, chamando a atenção para o fato de que os livros sobre fotografia — técnicos, históricos, semiológicos — não falam das fotos que lhe interessam, ou seja, aquelas que lhe dão prazer e emoção. E, ante os discursos apaixonados no âmbito da semiologia, psicanálise, sociologia, ele prefere resistir a estes sistemas reprodutores e falar de outro modo. É, princi-

pálmente, a foto — aquela que tinha um existir para ele, não a dos corpos, mas apenas a de alguns corpos — que ele toma como foco em *A Câmara Clara*.

Esta busca por uma nova ciência formulada a partir de movimentos pessoais, que requer um "princípio de aventura", tem ressonância no processo de pesquisa das fontes fotográficas.

A fotografia é "subversiva" porque pensativa, é contingente porque assume uma "máscara", e seu traço marcante é a subjetividade, diz ele. Por que certas fotos dos álbuns de formatura provocam tantos comentários; algumas, a indiferença; enquanto outras, o silêncio, como que remetendo a um "centro silenciado" de que Barthes fala? He sugere essa leitura de mergulho, "nada dizer, fechar os olhos, deixar o detalhe reencontrar sozinho a consciência afetiva" (Barthes, 1982, p.20).

Nas terças-feiras, na biblioteca, Felipe comenta:

O que se fez em geral, nas análises fotográficas, é violentar a fotografia, porque na verdade as pessoas trazem o tempo — que foi parado por ela — para analisar o tempo absoluto da fotografia.

O que nós estamos querendo fazer nesse projeto, e não é fácil — um dos inspiradores é o Roland Barthes, apesar de ele entrar numa abordagem diferente da nossa, a semiótica, semiologia — é tirar da fotografia uma teia de relações. Não queremos violentar a fotografia. Nós queremos tentar ler uma teia de relações entre as fotografias. O que ela diz, o que ela fala. E mesmo Barthes, em determinados momentos, por exemplo, diz que a conjunção do aqui e do outrora é uma coisa ilógica, mas histórica. Pode ser lógica, mas é histórica. Então a fotografia seria para nós o material empírico fundamental da questão espaço-tempo histórico. Por sua vez, as concepções teóricas desse

espaço-tempo histórico vão alimentar, como heurística, as análises documentais da história da educação na Bahia.

Essas idéias foram detalhadas nos textos referenciados (Serpa, 1991; Seminário Livre de Pesquisa, 1989).

A fala sobre as fotos mostra, portanto, a multiplicidade de leituras, que Barthes (1982, p.32) assinala:

... tôda imagem é polissêmica, implicando, subjacente aos seus significantes, uma "cadeia flutuante" de significados, dos quais o leitor pode escolher uns e ignorar outros.

Esta diversidade orienta nosso trabalho de pesquisa: busca trazer todas as linguagens possíveis na compreensão do espaço-tempo histórico.

Considerações Finais

Construir um guia de fontes fotográficas e trabalhar com o tempo na fotografia constituem, a nosso ver, elementos importantes para a História da Educação.

Roland Barthes, na *A Câmara Clara*, diz que não são todas as fotos que lhe interessam, mas as que têm um *corpus* para ele. Assim, escolhe o retrato da mãe menina. Ao escolher esta foto, observamos a coexistência dos tempos — o passado, a pré-história de quem está vendo, e o futuro, representado por quem está vendo — chama a atenção Felipe.

A fotografia é um testemunho, objetivo, tem um suporte vivo. A informação do tempo é exterior a ela. Entretanto, ela, a fotografia, é atemporal. A multiplicidade de tempos não é da fotografia, mas de quem a vê. Trabalhar com fotografia, com o tempo, como uma referência *a priori*, significa trazer de fora da fotografia o "is-

so foi". Está presente e foi, daí a idéia da ilusão da realidade e da realidade da ilusão, porque já não é mais, foi.

Isso mostra que a análise da fotografia precisa ser uma análise da teia de relações que, extraídas, vão determinar o espaço-tempo. Se pretendemos ter uma rede de relações, a pluralidade é fundamental. Vários autores com leituras diferentes, todas as óticas são importantes, porque elas irão compor esta teia. Daí a necessidade da existência de vários guias de fontes que, contemplando diferentes óticas, trazem o conhecimento para além dos saberes encastelados.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Stela Borges de. *A presença da fotografia na história da educação*. São Paulo, 1991. Trabalho apresentado na 6ª Conferência Brasileira de Educação, Painel Educação Brasileira: na fotografia, na legislação e revistas, São Paulo, 3 a 6 de set. 1991.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Lisboa: Ed. 70, 1982.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. v.1: A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.
- LEITE, Rinaldo CM. *Uma hipótese de trabalho a partir da documentação fotográfica: as décadas de 30 e 70*; Relatório de Pesquisa. Salvador: UFBA: CNPq: INEP, 1992. mimeo.
- MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular: introdução à fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *Retratos quase inocentes*. São Paulo: Nobel, 1983.
- NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Rio de Janeiro, 1991. Tese (Doutorado) — PUC-RS.
- _____. Guia preliminar de fontes para a história da educação brasileira: reconstituição de uma experiência. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.71, n.167, p.7-31, jan./abr. 1990.
- _____. O processo de elaboração do guia: metodologia e diagnóstico dos acervos arquivísticos bibliográficos. In: RIBEIRO, Marcos. *Os arquivos das escolas: relatório de pesquisa*. [S.l.]: ANPEd: INEP, 1990. mimeo.
- RIBEIRO, Neurilene M. *Prefaciando uma escuta sensível — a década de 40; relatório de pesquisa*. Salvador: UFBA: CNPq: INEP, 1992. mimeo.
- SEMINÁRIO LIVRE DE PESQUISA. *[Textos de fitas transcritas.]* Salvador: UFBA, Faculdade de Educação, Mestrado em Educação, 1989/1992.
- SERPA, Luiz Felipe P. *Ciência e historicidade*. Salvador: Multipress, 1991.

PREFACIANDO UMA ESCUTA SENSÍVEL

Neurilene Martins Ribeiro
CNPq/UFBA

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A potencialidade da imagem como fonte de investigação é inegável, tendo em vista as inúmeras perspectivas de leitura e representação que oferece ao pesquisador. Haverá sempre mensagens não ditas, relações não explicadas, à espera de um novo olhar ou de um olhar novo, além daquelas percepções as quais nem sempre conseguimos codificar. São sentimentos, emoções e até mesmo a perplexidade diante de um conjunto de contornos ou de um detalhe que emerge, ressignificando a informação primeira. Assim, cada observador realiza uma leitura própria, carregada de subjetividade e singularidade, não obstante essa ser eminentemente histórica.

Nesse sentido, Barthes (1982, p.32) afirma:

... tôda a imagem é polissêmica, implicando subjacente aos seus significantes, "uma cadeia flutuante" de significados, dos quais o leitor pode escolher uns e ignorar outros.

Dessa forma, contrariando seus sentidos usuais, a objetividade e a subjetividade se mesclam e se provocam mutuamente. O olhar sobre a foto, aparentemente, tudo registra: os tons, os formatos, os semblantes, os traços, as posturas... (sobretudo sobre os álbuns de formatura do Instituto Feminino da Bahia). Algo desperta e atrai o observador: o inusitado e o descontínuo. Explicita-se, então, o não literal, o sentido obtuso subjacente ao sentido óbvio da imagem. Logo, a partir das relações explícitas inicia-se uma incursão, no avesso, do avesso — como diria o poeta Caetano Veloso — nortea-

da efetivamente pelo sentir do observador, tendo em vista o espaço-tempo histórico em que se insere.

A ausência de neutralidade, na emergência de uma linguagem fotográfica, a recíproca e dinâmica relação entre a fotografia e o observador, inicialmente, expuseram-se à inquietação:

... a fotografia me intimida. Talvez porque me revele, me desnude... Nisso seduz-me, propõe-me o inusitado: um diálogo, uma conversa. A nossa fala vai surgindo, não existem *a priori* critérios ou regras, a não ser a de uma escuta alerta, receptiva e sobretudo persistente. Trilhar o itinerário da leitura fotográfica é, por opção, explicitar emoções de toda ordem. Olhos nos olhos. Apesar de ela, a foto, ser o objeto de estudo, de análise, seguramente a relação não é apenas de observador/observado, mas de múltiplas e recíprocas indagações — sempre inquietantes e quase nunca lineares (Ribeiro, 1992).

Embora, posteriormente, essa inquietação tenha se revelado como elemento integrante desse processo de busca de uma linguagem fotográfica, que é, em última instância, individual e imprevisível.

Essa conversa, descubro agora, é, por vezes, a perplexidade, a multiplicidade de indagações; perder horas observando detalhes, embora sem perder de vista "as teias de relações" ... Espero descobrir outras coisas. Não devo fugir do caos. (Ribeiro, 1992)

Não obstante à indiscutível relevância da fotografia como fonte histórica, a sua utilização encerra ainda desafios de várias ordens: a transcendência do caráter eminentemente objetivo na produção do conhecimento, em face da desmistificação da neutralidade científica, na busca de um novo paradigma para a ciência; o enfrentamento da complexidade das questões teórico-metodológicas inerentes à leitura iconográfica; a escassez de trabalhos desenvolvidos nessa linha de pesquisa, minimizando as oportuni-

des de intercambio e — sobretudo — nossa experiência, ainda incipiente, com a leitura de textos mediada pelo documento fotográfico.

Assim, a fala sobre a década de 40 no Instituto Feminino da Bahia figura como um esboço, uma conversa preliminar, gestando no seio de questionamento e indagações, frente a 15 álbuns de formatura e um de festas e exposições; frente também a uma outra história de pouco mais de duas décadas — a minha própria história.

Tendo presente a especificidade desse objeto de estudo, é pertinente refutar qualquer sentido conclusivo que se possa atribuir a ele. O significado da fotografia aqui assumido transcende o aspecto ilustrativo, ela é a informação viva, ressignificada na peculiaridade de cada olhar.

O SABOR DO CLIQUE

A incursão à educação privada na década de 40 é efetivamente mediatizada pela experiência de diversas ordens de quem percorre esse itinerário, onde prepondera a minha experiência discente. O cotidiano das décadas de 70 e 80, no qual me localizo, faz-se presente, mais do que nunca, à medida que me debruço sobre os álbuns do Instituto Feminino da Bahia. As recordações afloram...

Estudante em potencial de escola pública, eu jamais seria aluna regular do IFBA. Mesmo não integrando a elite baiana, eu talvez pudesse estabelecer com ela algum vínculo, significativo e suficiente para permitir o meu ingresso como aluna bolsista. Essa era uma possibilidade plausível como relatou uma antiga colaboradora do Instituto ao justificar a sua presença na instituição.

... pela gratidão por ela ter dado as bolsas de estudo às minhas duas filhas... As meninas não chegavam aqui para dizer: estudo de graça. Dona Heriqueta fazia questão de me dar o dinheiro e eu chegar na tesouraria e pagar, pra que as meninas não ficassem humilhadas¹.

Recordo-me, ainda, que na minha escola a farda se confundia com a das demais escolas. A grande exigência da diretora — tantas vezes burlada — era o uso da camisa branca com o escudo da escola, da calça azul-marinho (no ginásio usei a minha primeira calça) e do tênis preto ou azul. Na verdade, o escudo era o que marcava a nossa singularidade, enquanto alunos inseridos naquela instituição. Efetivamente, são as lembranças dos desfiles de Sete de Setembro — rigor nos tecidos, modelos, tonalidades e paramentos — que conseguem me remeter ao cotidiano do IFBA, onde o destaque e a importância do uniforme faziam desse cotidiano contínuos desfiles de Sete de Setembro.

As fotos mostram as alunas do instituto com seus uniformes sempre impecáveis: meias até os joelhos, saias compridas, blusas com mangas também compridas, punhos sempre abotoados além das gravatas. Em grupo, em poses similares e tão "cuidadas" quanto à farda, elas revelam certamente a rigidez e a distinção que faziam dessa, uma instituição para as moças de família da elite baiana. Um outro relato da colaboradora do instituto, legítima essa inferência:

... fardamento do instituto, tudo era planejado e estudado. Não era farda igual a de outros colégios. Era uma saia azul-marinho, a blusa de listrinha e tinha um casaco de festa pra vestir por cima... (egressa de 1946).

Meus olhos teimosamente correm pelas fotos procurando flagrar nas vestimentas

¹ Colaboradora do Instituto Feminino da Bahia. Entrevista concedida ao grupo de pesquisa.

algum deslize: uma meia arreada, um punho dobrado, uma saia com um comprimento mais ousado. Essa façanha o clique da câmara não conseguiu perpetuar. Revela-se, assim, a presença forte de d. Henriqueta Catarino, identificada como uma característica constante nessas imagens: a disciplina. Esse regime de ordem e perfeição exigido no uso da farda, extrapolava os limites da escola como explicitou a ex-aluna do IFBA.

... o botão da minha blusa — você não podia andar com blusa arregaçada — caiu antes de sair de escola. Então ficou aquilo meio dependurado e o outro no lugar, ficou meio esquisito. Aí, morrendo de fome, eu saí da escola com uma fome danada — eu já estava no curso de contabilidade — eu dobrei só um lado... E tava indo para casa correndo quando ela passou de carro e me viu com uma manga arregaçada, eu não tava com as duas. Ela parou o carro, saltou do carro, pediu para eu esperar; eu esperei. Disse: — Olhe, que ano você é? Eu me identifiquei com ela. Ela disse assim: — Você, para o nível, não é filha de lavadeira, não pode estar na rua com esta manga. Por que não foi à secretaria botar o botão?... (eu ainda estava segurando os livros assim para não aparecer, mas ela viu esse detalhe) (egressa de 1946).

Aliado a esse rigor, o uniforme ganhava um caráter sagrado — herança certamente da orientação católica subjacente — uma vez que seu uso implicava também um comportamento "imaculado". Passos (1991) em seu estudo nos mostra que, no IFBA, o namoro de farda era terminantemente proibido, porquanto considerado uma transgressão às normas da escola, com punição prevista: suspensão.

Assim, o sexo masculino irrevogavelmente ausente na escola, diante de uma clientela feminina, figurava no seu exterior como uma "tentação", alvo certamente dos sonhos daquelas adolescentes, futuras mulheres ligadas a atividades administrativas públicas, precursoras da in-

serção da mulher baiana no mercado de trabalho. Em contraste a essa realidade, como aluna de escola pública laica, não experienciei a ausência da figura masculina na escola. Nesse contexto, compúnhamos e disputávamos um mesmo espaço. Éramos qualquer um. Entre os Souza, Mendonça e Ribeiro, havia certamente "os filhos de lavadeira", como já pressupunha d. Henriqueta.

São os mestres e religiosos as únicas presenças masculinas registradas nos álbuns. Entre paraninfos e homenageados, lá estão o monsenhor Appio Silva, padre Jorge Soares, dr. Francisco e dr. Nelson, que se revelou o grande destaque da década, presente em nove das 15 formaturas dessa época. Terá sido ele o mestre mais apreciado pelas alunas? Haveria aí uma relação professor-aluno perpassada por laços afetivos e democráticos?

Os questionamentos específicos dessa relação perduram, embora os documentos fotográficos indiquem relações intra-escolares predominantemente hierarquizadas, próprias da pedagogia tradicional, entre elas a preponderância da figura docente na prática educativa. Nos quadros de formatura, a dimensão das fotos varia de acordo com a posição do fotografado na hierarquia institucional — no menor tamanho estão as alunas. Aquelas que registram o cotidiano escolar, embora mais informais, não fogem a essa regra. Pela pose e disposição diferenciadas, um observador facilmente infere a presença de grupos distintos — corpo discente, docente ou administrativo. Uma fotografia tirada na área externa do Instituto Feminino da Bahia é bastante elucidativa: um grupo de alunos sentados em frente à escola e, um outro menor, de pé, em um plano mais elevado, atrás de uma espécie de balaústre. Essas são as informações contidas no seu verso:

Lembrança do 22º aniversário do Instituto Feminino grupo tirado após a missa. Ao alto o corpo administrativo, vendo-se ao centro a dirigente da escola, d. Edith Cortizo. Bahia, 5 de outubro de 1944².

A emergência de um novo modelo econômico brasileiro, a ascensão, mesmo tênue, do movimento feminista no país e as necessidades da elite baiana, gesta-ram o IFBA com sua proposta educativa — embora profissionalizante — de cunho essencialmente religioso e feminino.

Essa síntese audaciosa e paradoxal de modernidade e tradicionalismo, de desenvolvimento e religiosidade emerge contundentemente do conjunto de inscrições e representações expressas nos álbuns: são navios, guinchos, folhagens, silhuetas; ou ainda, inscrições tais como *in cruce salus, principios gerais da ciencias, razão, caixa, diário*, entre outros.

As fotografias das formaturas — agora já técnicas em contabilidade, secretárias e auxiliares de escritório — tendo sempre como pano de fundo altares com seus castiçais, velas, imagens de santos e crucifixos são também bastante reveladoras. As solenidades de formatura eram realizadas na capela do próprio IFBA, precedidas de missa solene, segundo o ritual católico.

Anotações feita no reverso de uma fotografia assim registra:

Formatura solene de 1941 Após a colação de grau, as nossas secretárias posam com o paraninfo, dr. Nelson de Sousa Oliveira na Capela do IFBA. Escola Comercial Feminina da Bahia 16 de dezembro de 1941.

Imersas nesse cotidiano religioso, onde os valores morais e espirituais perpassa-

vam com fervor a prática pedagógica, como se situavam as alunas do instituto diante da realidade socioeconômica e política do momento histórico que viviam? Vivendo os conflitos da 2ª Guerra Mundial, aliados a uma realidade interna não menos conflituosa, gestada também pelo Estado Novo, o que pensavam essas estudantes? Embora a mulher já exercendo o direito à participação política através do voto, essas não eram as temáticas mais indicadas para as "mulheres moralmente fortes", como revelam as ex-alunas entrevistadas.

O que se pode afirmar efetivamente é que, na década de 40, não obstante à peculiaridade do movimento histórico, a cada ano, o instituto apresentava à sociedade duas turmas de formandas. Eram cerca de 30 profissionais entre secretárias e contadoras e, a partir de 1947, auxiliares de escritório e técnicas em contabilidade — com exceção dos anos de 1943, 1945 e 1946 — nos quais foram registrados pelos documentos fotográficos apenas uma turma de formandas em 1944 que, surpreendentemente, não apresentou álbum de formatura. Terá esse se extraviado ou esse foi o ano em que o álbum de formatura não aconteceu?

O inusitado no IFBA — a ausência de álbum de formatura — era lugar comum na escola em que conclui o 2º grau, habilitação de magistério e técnico em contabilidade. Creio que na solenidade, na celebração religiosa e na presença do anel de formatura, poderia estabelecer pontos comuns, entre a formatura das técnicas da década de 40 do IFBA e as da minha época. O grande contraste, entretanto, encontra-se incontestavelmente no significado desse ritual para a sociedade, para a instituição escolar e para os próprios alunos.

Transcendendo os nossos momentos individuais, a câmara nada mais tinha a

²Álbum de festas realizadas —exposições. Álbum da Escola (nº11).

registrar, revelando-se, assim, uma instituição escolar sem face, pouco significativa no contexto das exigências daquela sociedade interiorana. No conjunto de álbuns do IFBA, contudo, mais que perfis das alunas, seja nas formaturas, seja no cotidiano escolar, emerge o retrato da própria instituição com seu projeto de educação intrinsecamente articulado às necessidades da burguesia baiana.

Assim, estudar no IFBA figurava como um influente cartão de visita, e era com orgulho que a instituição exibia o nome de suas 226 alunas, registrado nos álbuns de formatura. Além da importância do nome, a procedência também era dado relevante, uma vez que a maioria dos álbuns registra a origem do corpo discente. O instituto recebeu, além de baianas, alunas de diversos estados do Nordeste, do Sul e inclusive estrangeiras (Cuba e Espanha).

Álbuns suntuosos, com capas de madeira, veludo ou couro, contendo em inscrições douradas o nome da instituição e do curso, com seus respectivos símbolos, figuram como catalizadores das famílias de nome da época. Em preto e branco, os Fotos Studio Viena, T. Dias e sobretudo o Foto Jonas escolheram ângulos, indicaram poses e utilizaram-se da tecnologia, registrando essa história. História de estudantes que fechavam um ciclo de suas vidas com "chave de ouro", para abrirem as portas do mercado de trabalho e manterem uma outra aberta: aquela que as permitisse transitar com desenvoltura da função de técnica à exímia administradora familiar. História que retrata as trilhas percorridas pela educação privada na Bahia e que poderá suscitar, sobretudo, reflexão sobre outras histórias, além da minha própria, enquanto aluna da escola pública — reflexão acerca dos limites e possibilidades da educação contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Stela B. de. Guia de fontes fotográficas para a história da educação na Bahia. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.72, n.172, p.385-387, set./dez. 1991.

_____. *Breves considerações sobre os acervos fotográficos em Salvador*. Salvador, 1992. Apresentado na 15ª Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, 13 a 17 set. 1992.

ALMEIDA, Stela B. e, MAGALHÃES, A délia L.P. *A presença da fotografia na história da Educação*. São Paulo, 1991. Apresentado na 6ª Conferência Brasileira de Educação.

BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Lisboa: Ed. 70, 1982.

A câmara clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. v.1: A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica.

BERGER, John. *Modos de ver*. Lisboa: Ed. 70, 1972.

BOHM, David et al. *Ciências, ordem e criatividade*. Lisboa: Gradativa, 1989.

BRESSON, H. Cartier. *Itália*. [S.l.]: Photo Roche, 1982.

COLEÇÃO Antonio Marcelino. Salvador, 1982.

COLLIER, John. *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EPU, 1973.

- DOISNEAU, Robert. *Paris*. [S.l.]: Photo-Roche, 1973.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. São Paulo: Papirus, 1994.
- ECO, Umberto. *O signo*. Lisboa: Presença, 1973.
- EISENSTEIN, Serguei. *Anotaciones de un director de cine*. Moscou: Progreso, [19-].
- _____ *Octobre*. Paris: Avant Scènes, 1971.
- FILHA, Sofia Olszenski. *A fotografia e o negro na cidade do Salvador. 1840-1914*. Salvador: EGBA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1989.
- FREUND, Gisèle. *La fotografia como documento social*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1976.
- GLEICK, James. *Caos — a criação de uma nova ciência*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- KOSSOY, Boris. *Hércules Florence. 1833: a descoberta isolada da fotografia no Brasil*. São Paulo: Faculdade de Comunicação Social Anhembi, 1976.
- _____ *Origens e expansão da fotografia no Brasil: século XIX*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.
- _____ *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1989.
- MACHADO, **Arlindo**. *A ilusão especular: introdução à fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MOURA, Carlos E.M. de. *Retratos quase inocentes*. São Paulo: Nobel, 1983.
- NOVAES, Adauto et al. *O olhar*. São Paulo: Schwarcz, 1988.
- NUNES, **Clarice**. *Guia preliminar de fontes para a história da educação brasileira*. Brasília: INEP, 1992.
- _____ *História da educação brasileira: novas abordagens de velhos objetos*. *Teoria & Educação*, v.6, p.151-182, 1992.
- _____ (Org.). *O passado sempre presente*. São Paulo: Cortez, 1992.
- PASSOS, Elizete Silva. *Mulheres moralmente fortes: o ideal perseguido pelo Instituto Feminino da Bahia, 1945-1955*. Salvador, 1991. Dissertação (Mestrado em Educação) — UFBA.
- RIBEIRO, Neurilene M. *Anotações para discussão*, mimeo. Texto apresentado no Grupo de Pesquisa CNPq/UFBA, maio 1992.
- SAMAIN, Etienne. *A pesquisa fotográfica na França*. *Textos de Cultura e Comunicação — Fase II*, Salvador, n.29, 1.sem.1993.
- SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia*. Lisboa: Dom Quixote, 1986.
- SERPA, **Luis Felipe P.** *Ciência e historicidade*. Salvador: Multipress, 1991.
- _____ *Ciência, tecnologia e sociedade*. mimeo. Apresentado no Seminário de Ciência e Sociedade, ITA, São Paulo, jan. 1992.
- SERPA, Luis Felipe P. et al. *Tempos de ruptura e a essência humana*. *Textos de Cultura e Comunicação — Fase II*, Salvador, n.28, 2.sem.1992.
- VALLADARES, José. *Artes maiores e menores: seleção de crônicas de arte; 1951-1956*. Bahia: Progresso, 1957.

Campus da UnB - Acesso Sul - Asa Norte - 70910-900 - Brasília - DF
Tel.: (061) 347-8970 Fax: (061) 273-3233

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)